

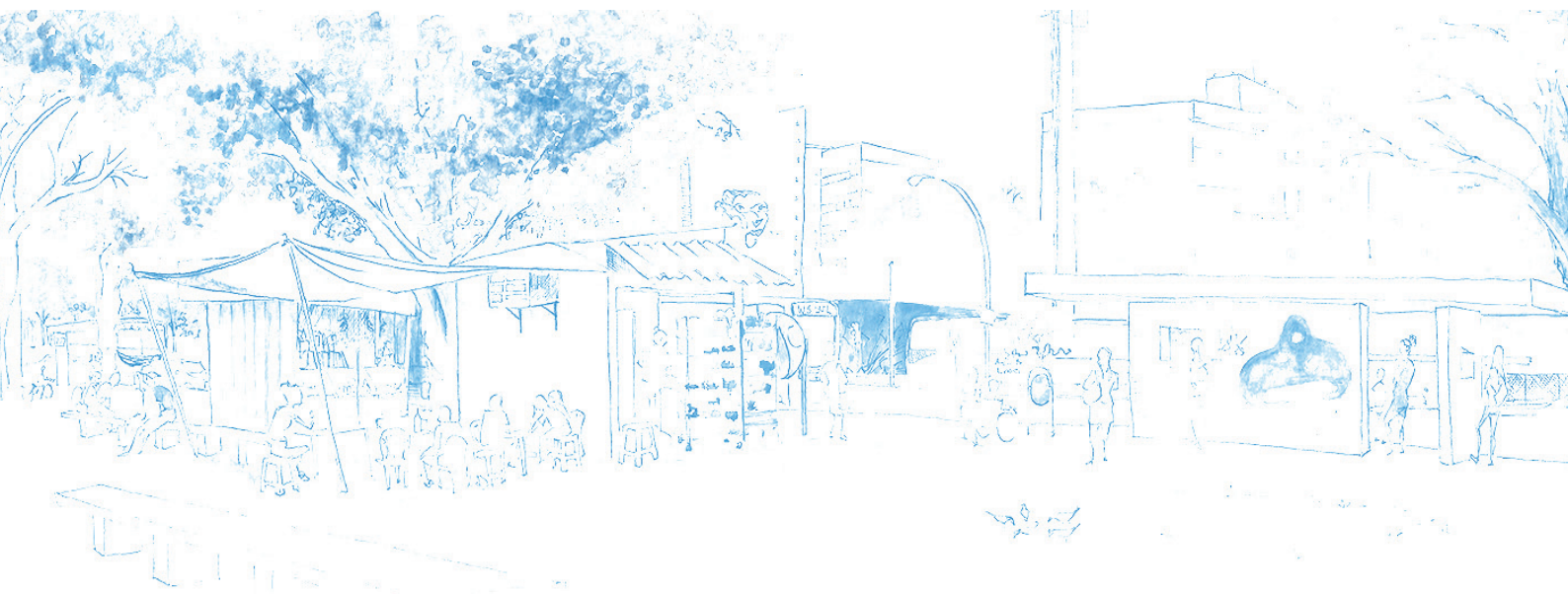


Universidade de Brasília

Luísa Helena Gonçalves de Melo

BRASÍLIA SKETCHBOOK

Um olhar poético intimista sobre a paisagem de Brasília



BRASÍLIA
2014

Luísa Helena Gonçalves de Melo

BRASÍLIA SKETCHBOOK

Um olhar poético intimista sobre a paisagem de Brasília

Trabalho de conclusão de curso para
obtenção do título de graduação em
Desenho Industrial, na habilitações
de Programação Visual apresentado à
Universidade de Brasília - UnB

Orientador: Rogério José Câmara

Banca avaliadora: Nayara Moreno e
Antônio Carlos Carpintero

BRASÍLIA
2014

Luísa Helena Gonçalves de Melo

BRASÍLIA SKETCHBOOK

Um olhar poético intimista sobre a paisagem de Brasília

Trabalho de conclusão de curso para
obtenção do título de graduação em
Desenho Industrial, na habilitações
de Programação Visual apresentado à
Universidade de Brasília - UnB

Aprovado em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

_____/____/____

Rogério José Câmara (DIN/UnB)
(orientador)

_____/____/____

Nayara Moreno (DIN/UnB)
(Examinador interno)

_____/____/____

Antônio Carlos Carpintero (FAU/UnB)
(Examinador externo)

*À todas as pessoas que deram vida
aos meus desenhos*

“A cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente. (...) A memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir.”

(Ítalo Calvino)

RESUMO

Este trabalho busca despertar o olhar sensível às paisagens cotidianas de Brasília. A partir da compreensão da paisagem urbana e da paisagem de Brasília é desenvolvida uma coletânea de ilustrações que traduz o olhar pessoal da autora sobre o imaginário de Brasília. Essa coletânea é dividida em três linhas ilustrativas: Minha Brasília, Apropriação e Retratos Urbanos. Por meio das ilustrações se busca uma aproximação íntima com a cidade a fim de enxergar sua essência em um mundo constituído pela saturação de suas imagens e representações. A jornada em busca do sublime, ofuscado pelo atual uso excessivo das imagens, repousa no encontro com o outro. Ao retratar a cidade por seus rostos e paisagens, alcançou-se a intimidade pretendida. Esse olhar sobre Brasília é compartilhado com outros brasilienses. O leitor é convidado a redescobrir a própria cidade, e incentivado a compartilhar essas descobertas.

Palavras-chave: Brasília, Paisagem Urbana, ilustrações, Sketchbook

ABSTRACT

This project intends to trigger a sensitive look over the daily view landscapes of Brasilia. From the understanding of the urban landscape and the city's scenery it is developed a collection of illustrations that renders the personal look of the author of this project about the quintessence of Brasilia. This collection is divided in three series of illustration: My Brasilia, Appropriation and Urban Portraits. This set of illustrations is meant to bring one to a more intimate relation with the city, in order to understand its essence. The journey in pursuit of the superb, clouded by the overuse of images, lies within encountering others. By portraying the city through its faces and landscapes, the desired level of intimacy was reached. This view about Brasilia is shared among other natives. The reader is invited to rediscover its own city, and encouraged to share these discoveries.

Keywords: Brasilia, Urban landscape, Illustration, Sketchbook

SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. Metodologia	4
3. Referencial teórico	6
3.1 Brasília e seus bairros	6
3.2 Paisagens urbanas	8
3.3 Paisagem de Brasília	10
4. Aproximação da cidade	12
4.1 Sketchbook como instrumento	16
4.2 Intervenção da presença. O ato de ilustrar	18
4.2.1 Fragmentos	19
4.2.2 Inabitual contemplação	20
4.2.3 Interação inevitável	22
5. Compartilhar meu olhar	24
5.1 Técnica ilustração	24
5.2 Projeto gráfico	27
5.3 Conteúdo/Organização	32
1ª linha ilustrativa: Minha Brasília	33
2ª linha ilustrativa: Intervenções	37
3ª linha ilustrativa: Retratos Urbanos	39
5.4 Compartilhamento e participação do público	43
6. Considerações finais	47
7. Referencial bibliográfico	48
8. Apêndices	49

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho busco elaborar um olhar sobre a cidade de Brasília e sua paisagem urbana com base em uma ótica pessoal que mistura o meu cotidiano com novos trajetos e descobertas. Compartilhar o meu olhar com os outros moradores de Brasília, e desta forma despertar o olhar sensível às paisagens do cotidiano

É proposta uma coletânea de ilustrações que registram a minha percepção do espaço presente, que seja possível mostrar Brasília e sua poética tantas vezes invisível ao cotidiano. Mostrar ao leitor paisagens que me chamaram atenção e que fazem parte do meu cotidiano. Que a minha representação desse espaço possa instigá-lo a redescobrir a própria cidade.

O problema do desenvolvimento do trabalho se estrutura nessa interpretação da cidade. Sob qual ótica deve ser guiada essa narrativa? E, posteriormente, como traduzir essa decisão graficamente? Conseguir fundir uma conclusão interpretativa num grafismo capaz de transmitir esse olhar é a própria materialização do projeto.

Para a construção dessa narrativa, encontram-se também diversas barreiras pessoais. Como sair primeiramente do meu próprio cotidiano para conseguir enxergar outras Brasília's possíveis? A decisão dos locais a serem retratados configura também uma das grandes indagações essenciais para o início do projeto, que bem dialoga com minha experiência pessoal na constante transição entre o Plano Piloto e os outros bairros da cidade. Assim, buscou-se nesse projeto uma construção empírico-teórica da cidade de Brasília.

O turista de Brasília tem dificuldade de se relacionar com a cidade para além de sua superficialidade. Assim como seu novo morador que passa por uma longa fase de adaptação até estabelecer uma íntima relação com esse espaço. Mas Lúcio Costa já sabia disso muito antes da reportagem do New York¹ Times relatar para o mundo sobre essas dificuldades de Brasília.

“Brasília é, antes de mais nada, um produto de consumo interno; sua verdadeira especificidade, o natural para os que aqui nasceram ou cresceram, só é perceptível visto de dentro, e talvez seja por isto tão frequente a dificuldade que as pessoas de fora têm de avaliá-la corretamente — o essencial escapa.” (Costa, 1985).²

¹WALDSTEIN, David. Brasília, a Capital City That's a Place Apart. **The New York Times**. 22 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2014/06/23/sports/worldcup/world-cup-2014-brasilia-a-distinctly-un-brazilian-city.html?ref=worldcup&_r=3f>

²COSTA, Lúcio. **Brasília 57-85: do plano piloto ao Plano Piloto**, 1985. Disponível em: <http://www.brasiliapatrimoniadahumanidade.df.gov.br/Brasilia_1960_2010/1960_2010.pdf>

O “essencial” que fala Lúcio Costa é como a cidade monumental tece narrativas cotidianas e de que forma as pessoas que nela vivem se relacionam com essa monumentalidade. Discordo quando ele sugere que exista uma avaliação correta da cidade. Existem avaliações distintas, olhares distintos, assim como representações distintas. Não julgo correta a forma como analiso a cidade nas ilustrações do presente projeto, nem menos verdadeira que alguma outra. São representações pessoais, verdadeiras com a minha visão de Brasília.

Brasília é única e desperta estranhamentos. Sua malha urbana rarefeita, composta por grandes espaços vazios, fluxo em grandes vias que saltam os pontos de interseção entre a cidade e as pessoas, fazem tanto o turista quanto o novo e velho moradores se perguntarem frequentemente “Onde estão os cafés?”, “Onde está o movimento?”, “Pra onde ir quando tenho aquele desejo súbito de ‘ver gente’?”. A não existência de um clássico centro urbano no Plano Piloto, explica em parte o estereótipo de cidade vazia, o que reforça a idéia de que todo o Plano Piloto é o centro da cidade para os mais de 90%³ que não moram nele.

São poucos os que se dispõem a desbravar o quadradinho do DF. Os quase 8%⁴ que habitam a escala residencial desenhada por Lúcio Costa passam a vida no avião vendo tudo à distância e pouco sabem pelo que sobrevoam. Acreditam que de uma asa à outra encontram tudo o que precisam e constroem o cotidiano se escondendo nos mesmos lugares, vendo as mesmas pessoas, e se movimentam pelo Plano sem aproveitar, de fato, a escala bulcólica que liga todos os pontos da cidade. As chamadas Cidades Satélites orbitam em torno do Plano Piloto e seus moradores acabam ligados a ele em maior ou menos grau. São os que frequentam a “capital” em datas comemorativas, em shows na Esplanada dos Ministérios ou mesmo aqueles que lá estão, em todas as atividades, para trabalhar, estudar e se divertir, voltando pra casa apenas pra dormir. Esses 44%⁵, que vão e voltam todos os dias acabam se privando de novas abordagens, de novos planos ou novos satélites, repetem o mesmo trecho rotineiramente e também se cegam para o universo de outras Brasília possíveis.

O leitor do trabalho terá uma nova abordagem dos caminhos que já percorrem. Não proponho a descoberta de lugares distantes ou difíceis de encontrar, apenas um olhar diferente para a própria realidade. A intenção é instigar o público com as minhas ilustrações, inicialmente, por meio das redes sociais. A ilustração é postada na página do projeto com a seguinte indagação: “Você reconhece

³Fonte: CODEPLAN – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD/DF-2011

⁴Ibid.

⁵Ibid..

esse lugar?”. Nesse primeiro momento, é captada a atenção das pessoas que reconheceram aquela “cena” no próprio cotidiano. Essas pessoas são incentivadas a compartilharem uma foto da apreensão particular daquela “cena”.

Em um segundo momento a ilustração, é identificada devidamente no blog do projeto com sua localização exata e um texto que acompanha o registro da “cena”. Assim, uma vez desperta a curiosidade do leitor, ele pode conferir por conta própria a atmosfera do lugar, imaginar por si só, experimentar de forma particular aquele momento. Fazer com que a narrativa que costura uma ilustração na outra possa proporcionar descobertas próprias: uma árvore que não estava florida quando eu passei por ali, novas pessoas no cenário registrado e até novos cenários que por acaso chamaram a atenção de alguém por motivos pessoais, assim como tive meus próprios motivos para o registro de cada momento.

2. METODOLOGIA

A princípio o projeto surge de um desejo pessoal de retratar a minha cidade natal e ganha força com justificativas que vão além desse desejo. Essa ideia de representação nasceu com os requisitos básicos de ilustração e textos poéticos estritamente relacionados com as minhas sensações.

Para dar corpo e estruturar o projeto em vista, pesquisei a história da cidade, sua concepção e desenvolvimento até os dias de hoje, buscando desvendar as origens dos estereótipos da cidade, seu comportamento social e composição. Sobre essas indagações se recorreu às pesquisas da história da cidade e também a uma literatura sociológica e urbanística que tratasse dos laços entre as pessoas e cidades do mundo.

Essa pesquisa teórica se deu paralelamente com observações diárias e não planejadas da cidade associada com a minha própria rotina, de que forma e até que ponto eu poderia desviar do meu caminho e do olhar comum de todos os dias. Foram realizadas também observações planejadas, ditos dias de “deriva”, nos quais, caminhando ou pedalando, propus conhecer partes da cidade que não correspondem à minha rota triangular diária de casa+trabalho+universidade. Dessa forma descobrir outros lugares e pessoas para experimentar e sentir outros contextos.

A pesquisa teórica e observações práticas sobre o contexto retratado auxiliou no processo decisivo sobre os lugares representados e a linha narrativa seguida. Desse primeiro passo surgem as experimentações prático-visuais (diferentes materiais, ferramentas e suportes das artes plásticas) pelas quais são decididos o traço e estilo gráfico das ilustrações representativas.

Ao longo da conceituação de “**Brasília Sketchbook: Um olhar poético intimista sobre a paisagem de Brasília**”, aprimorei um olhar atento a outros projetos desenvolvidos em busca de uma nova relação do habitante com o seu meio urbano, e também iniciativas que questionam e lutam pela participação e apropriação criativa do espaço urbano público.

Após essa extensa pesquisa referencial teórica e de projetos correlatos, foi decidido um estilo gráfico a ser seguido e então delimitados os lugares retratados. Pontuados e listados a partir do meu olhar em dias rotineiros ou de deriva, essas paisagens constituíram a primeira linha de ilustrações que introduz a cidade com meu olhar desenvolvido ao longo da pesquisa teórico-prática.

Com uma segunda linha de ilustrações, percorro a cidade e destaco elementos de interseção entre o habitante e seu espaço. São exemplos de

intervenção, modificação e apropriação do espaço público com a finalidade de suprir necessidades que surgem ao longo do desenvolvimento orgânico de qualquer espaço urbano.

Em uma terceira parte, a cidade é vista como um retrato de seus habitantes. A Rodoviária é o ponto central de comunicação e interação entre o “centro” e as demais regiões administrativas, e por esse motivo, escolhida para a produção desses retratos. É nesse espaço que se pode encontrar as pessoas de todas as partes de Brasília reunidas em um só lugar. Foram entrevistadas e desenhadas pessoas que por ali passam todos os dias. Os retratos compõem a cidade por acreditar que ela é feita por pessoas. Os retratos dessas pessoas, por mim desconhecidas, constroem um recorte humano de uma cidade monumental.

As representações e análises das paisagens, lugares de intervenção e habitantes da cidade constroem um caminho percorrido em direção às pessoas. Como um movimento de câmera que apresenta o contexto e prossegue com um close contínuo até alcançar um olhar que não pode ser percebido à distância. Os retratos representam o maior desafio e significância no objetivo de se aproximar intimamente de Brasília. Viver, compreender, degustar e representar essa “essência” que mencionou Lúcio Costa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO.

Para melhor compreender a cidade antes de registrá-la, busquei entender a história de Brasília: seu planejamento, concepção e desenvolvimento. Após compreendida a cidade como objeto de estudo, pesquisei a representação da paisagem urbana e, dentro dessa perspectiva, analisei o caso de Brasília.

3.1 Brasília e seus bairros

Brasília é uma cidade singular. Tratando-se do Plano Piloto ainda mais singular. Concebida por uma proposta Modernista em seu projeto, Brasília foi amada ou odiada por sua estrutura funcionalista antes mesmo de sair do papel. A forma que se dá o relacionamento entre a cidade e seus habitantes desperta questionamentos sobre ela tanto por parte de seus habitantes quanto por parte de acadêmicos que a veem como objeto de estudo. As reflexões levantadas pelos moradores da cidade podem ser vistas em diversas iniciativas tomadas num contexto da arte de ocupação do espaço urbano, como: eventos culturais a céu aberto, casas de criação e produção coletiva, stêncils de frases inspiradoras que se espalham pela cidade. No meio acadêmico, a cidade é sociologicamente analisada por teses como *Brasília: a cidade do silêncio*¹, de Inaê Silva, que procura as origens do esteriótipo de “cidade fria” que Brasília carrega consigo ou dissertações como *O lugar do pedestre no Plano Piloto em Brasília*², de Marilene Resende de Menezes, que desvenda a dificuldade de se caminhar por esse projeto modernista.

Inaugurada em 1960, Brasília é uma recém-nascida, inserida a mais de 1295 km de distância de qualquer praia do Novo Mundo. Assim como sua pouca idade, seus habitantes ainda estão em formação. Vive e trabalha hoje a primeira geração nascida aqui, meio a tantos novos moradores que vêm de todo o Brasil e chegam aqui todos os dias para compor as futuras gerações.

Em sua formação, foram construídas várias “cidades satélites”, bairros que

¹SILVA, Inaê Elias Magno e. **Brasília, a cidade do silêncio**. Brasília, 2004. Tese (Doutorado em Sociologia). Departamento de Ciências Sociais, Universidade de Brasília.

²MENEZES, Marilene Resende de Menezes. **O lugar do pedestre no Plano Piloto de Brasília**. Brasília, 2008. Dissertação (Mestrado em Desenho Urbano). Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília.

orbitam em torno do Plano Piloto a 30km ou mais do que seria o centro da nova capital. A novíssima cidade que estava prestes a representar todo o país nasce de um raio higienista de no mínimo 30 minutos de sua Região Metropolitana. A especulação imobiliária é percebida e fomentada desde sua concepção devido a algumas modificações no plano original de Lúcio Costa. A segregação das classes mais baixas marca as intenções tortuosas engendradas por trás de um discurso político que se dizia a favor da democracia. Esse abismo entre a cidade utopia e o resto do Brasil é evidente desde de sua construção ao dias de hoje

“A viagem rumo a Brasília, através do planalto central, é uma jornada de separação. Faz o viajante confrontar-se com a separação entre a Brasília modernista e o Brasil de todos os dias.” (HOLSTON, 1993, p. 11)³

Ao analisarmos a formação de um perfil brasiliense, é inerente a constatação do contexto social que permanece quase inalterado, ou em piores condições. Brasília vem sendo construída por um processo de “higienização”, o qual permite analisar o Plano Piloto como um laboratório de classe média, tão isolado que diferencia a cidade de qualquer outro lugar, observa Inaê:

“Brasília é um laboratório. Ela permite olhar a classe média brasileira urbana como um laboratório, porque a classe média está tão pura e vive tão sem mistura aqui; porque as classes populares vivem tão afastadas, e participam da cidade de uma forma tão hierarquizada — como profissionais subalternos - que você consegue enxergar o comportamento da classe média. E qual é o comportamento típico da classe média? A classe média tem um comportamento típico individualista” (SILVA, 2004)

Esse aspecto inicial de formação populacional, multicultural e de constante transformação apresenta suas repercussões na atualidade. Dado o alto índice de imigração na cidade e o contexto especulativo de apropriação dos imóveis, somados ao projeto urbanístico de Lúcio Costa, fazem de Brasília uma cidade rarefeita. A proposta modernista, e logo seu desenho urbano, declara como princípio básico os valores humanos como único fim verdadeiro. Princípio que parece então se perder

³ HOLSTON, James **A Cidade Modernista**: uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

em uma cidade como Brasília. A utopia do arquiteto se dissipa em detrimento de interesses maiores. Do projeto original se destituiu a escala humana: a praça central, os caminhos do pedestre, o acesso à orla do lago. Independente da intenção ou de fato que rumo tomou, a cidade nasceu, vem crescendo e se desenvolvendo. A presença humana é um fato, embora, às vezes esquecido.

É difícil andar por uma cidade rarefeita, é difícil viver numa cidade assim. É preciso olhar de novo. A primeira impressão não basta, é preciso aprender a ver e praticar esse olhar para encontrar a “essência” de Brasília para então amá-la.

3.2 Paisagens Urbanas

Quando se fala de paisagem, nos vem à mente o tema das pinturas dos impressionistas que saíram dos ateliês para o mundo. Mas desde então o mundo já se transformou bastante. Hoje ele é majoritariamente urbano, e as cidades já não se parecem com as de antigamente. A população cresceu, e com ela a urbanização. Se o cenário da nossa janela já não é o mesmo, alteramos também a nossa forma de vê-lo e como o representamos.

Com o desenvolvimento da fotografia e do cinema, a descrição do cenário onde estamos inseridos já não é vista como paisagem. A comunicação tem seu foco principal na imagem e na poderosa mensagem que ela pode carregar. As imagens se fazem grandiosas, mas usadas em desmedida nos ofuscam a visão e agora pouco notamos o seu potencial. O campo midiático da atuação das imagens satura a cidade e reduz sua possibilidade de representação, pois retém uma obsessão pela descrição explícita. É tudo muito visível. “Todas as tentativas de descrição redundam em mera enumeração, que não dá conta da verdadeira paisagem” (PEIXOTO, 2003)⁴ explica Nelson Brissac Peixoto, e completa:

“A imagem explícita provoca o esgotamento da capacidade de descrever. Sob a ditadura da visão imediata, o olhar perdeu a sua abrangência panorâmica. Isso vale também para o rosto: hoje não há mais o costume sistemático de retratar, com o que se fez uma verdadeira fisionomia de uma época. O advento do cinema só aceleraria esse processo. Tudo passou a ser instantaneamente mapeado. A imagem midiática é desde logo uma descrição” (PEIXOTO, 2003, p. 25)

⁴PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2009.

Então a arte entra como essencial no processo de recuperar a paisagem. Ao criar percepções alternativas ao modelo tradicional, a arte entra no embate com uma superfície muito rígida e quase impossível de se perpassar, a cidade. Então se propõem novas imagens de uma cidade dura e feita de concreto, passa a desbravar as ruas e seus semblantes. Essas imagens são a cidade. Transpassando-as, existe a busca do que se fez invisível e inapreensível. É preciso aprender a ver novamente.

“A função da arte é construir imagens da cidade que sejam novas, que passem a fazer parte da própria paisagem urbana. Quando parecíamos condenados às imagens uniformemente aceleradas e sem espessura, típicas da mídia atual, reinventar a localização e a permanência. Quando a fragmentação e o caos parecem avassaladores, defrontar-se com o desmedido das metrópoles como uma nova experiência das escalas, da distância e do tempo. Através dessas paisagens, redescobrir a cidade.” (Peixoto, 2003, p. 15)

É invisível, indescritível. O rosto, o cheiro, um sorriso. São as particularidades de cada elemento que fazem a cidade parecer paisagem. Essas singularidades podem ser comparadas às sensações de uma criança quando em contato com o novo. Com olhos atentos, a criança inconscientemente sabe que a qualquer momento pode presenciar um acontecimento extraordinário. À medida que a criança cresce, ela já não espera o extraordinário, não pretende presenciá-lo na posição de sua insignificância. O mundo não mudou, apenas paramos de esperar o extraordinário e assim, logo deixamos de vê-lo. Então perdemos a essência do sublime. Ao deixar de ser paisagem, a cidade já não merece ser contemplada. Explica Brissac:

“A paisagem não é, portanto, o lugar da conciliação, mas o limiar. O espaço intermediário entre as coisas e o olhar. A paisagem não tem a evidência daquilo que se mostra imediatamente. Ela remete a outra coisa, que só se revela àqueles que, visionários, fecham os olhos para ver.” (PEIXOTO, 2003, p. 79)

Toda a problemática da cidade e sua paisagem se constrói em torno do olhar. A busca por alcançar o invisível ou representar o inapreensível diz respeito a uma transformação da forma como se vê. Talvez o retorno à possibilidade de presenciar o sublime, como é possível para a criança, possa nos fazer ver a beleza nos muros da cidade. Se a saturação das imagens, na atualidade, já não nos deixa ver, onde se

esconde o sublime? Brissac sugere que o esplendor das coisas se refugia no mais elementar do cotidiano. Isso quer dizer que pode estar em qualquer lugar, apenas esperando que “fechemos os olhos para ver”.

3.3 Paisagem de Brasília

“Brasília é construída na linha do horizonte.” (LISPECTOR, 1970, p. 179)⁵ Disse Clarisse Lispector quando visitou a capital em 1970. Falar sobre horizonte em Brasília é quase eufemismo. Sua horizontalidade é perceptível de qualquer lugar e pauta a compreensão de suas outras características. As características exibidas para o mundo compõe um esteriótipo quase inabalável: fria, funcional, modernista, utópica, nova, vazia. Continuamente repetidas por seus moradores, essas palavras influenciam diretamente em como apreender a cidade ao redor. Ítalo Calvino⁶ explica que cidade também se molda no discurso que usamos para descrevê-la. E mesmo se tentássemos esquecer tudo que ouvimos previamente sobre ela e compreendê-la da forma mais pura possível, ela não poderia ser narrada com tal originalidade. Para se fazer entender é necessário usarmos os mesmo símbolos: o conhecido vazio, funcionalismo, frieza e utopia. Peixoto defende que a descrição está substituindo a paisagem. E por isso é tão difícil aprender a ver uma cidade edificada sobre tão rígido discurso. “Como é realmente a cidade sob esse carregado invólucro de símbolos, o que contém e o que esconde, parece impossível saber.” (PEIXOTO, 2003, p. 26)

Brasília é um desafio constante. A todo momento, nos deparamos com um vazio que nos força um encontro com nós mesmos. Uma cidade que incita a reflexão. É preciso nos reinventar poeticamente todos os dias para não enlouquecer, pois se procuramos o isolamento, não há outra cidade no mundo mais propícia. O céu de Brasília é tão perto que parece possível tocá-lo. A tipologia baixa de seus prédios, combinada com os inúmeros espaços vazios, permite o céu alcançar uma imensidão única de Brasília. E como uma sina, voltamos aos mesmos símbolos: vazio, amplitude, horizonte. Em Brasília nem os prédios ousam encostar no chão. Não encostam no chão nem tocam o céu. O chão e o céu estão livres, mas assim como os blocos, seus habitantes permanecem imóveis. São tantas possibilidades que não encontram

⁵LISPECTOR, Clarisse. **Nos primeiros começos de Brasília**. In: Brasília – antologia crítica. XAVIER, Alberto e KANTINSKY, Júlio (org). São Paulo: Cosac Naify, 2012.

⁶CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo, Companhia da Letras, 1990.

um lugar. “Uma prisão ao ar livre.”⁷ Clarisse entendeu perfeitamente a utopia da liberdade nos traços modernistas. “Prenderam-me na liberdade”⁸.

“Brasília é artificial. Tão artificial como deveria ser o mundo quando foi criado”⁹. A ideia de Brasília se torna utopia quando, ao imaginar uma cidade, também imagina seu habitante. Ao riscar os primeiros traços da nova capital, o arquiteto a desenha para pessoas que não existem. O brasiliense imaginado funciona com hora marcada, só bebe no fim de semana, caminha pela superquadra em devaneios filosóficos, toma chá das cinco. O brasiliense imaginado não existe. Mas o brasiliense hoje existe, e se vira como pode para amar a sua cidade. Para amar e defendê-la. Para se apropriar de uma cidade que não foi feita para ele. A forma como nos apropriamos do espaço está diretamente relacionada com a abertura que contruímos com o que nos foi dado: “De fato existe um distanciamento entre apreensão e apropriação, e se o espaço não propicia este segundo, cabe ao habitante reinventar as possibilidades de fazê-lo.”¹⁰

⁷LISPECTOR, Clarisse. **Nos primeiros começos de Brasília**. In: Brasília – antologia crítica. XAVIER, Alberto e KANTINSKY, Júlio (org). São Paulo: Cosac Naify, 2012.

⁸Ibid..

⁹Ibid..

¹⁰MONTEIRO, R. H. e Rocha, C. (Orgs.). **Anais do V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual**. Goiânia-GO: UFG, FAV, 2012.

4. APROXIMAÇÃO DA CIDADE

“É preciso que aquele que vê não seja estranho ao mundo que ele olha.

Ele deve ser visto de fora, instalado em meio às coisas,

surpreendido de considerá-las de determinado lugar”

(PEIXOTO, 2003, p. 14)¹

Aproximar da cidade, surge como uma necessidade de projeto e também uma necessidade pessoal. O tema Brasília há tempo me intrigava, desde que passei a vir ao Plano Piloto todos os dias para estudar, no meu 3º ano do ensino médio. Apesar de ter um contato com o Plano quando na pré-adolescência vinha às sextas-feiras para o Setor Bancário Sul andar de skate, e passeios turísticos aos monumentos com familiares de outros estados, foi apenas no último ano de Ensino Médio que o trajeto passou a fazer parte da minha rotina diária, e assim a minha ideia de Brasília começou a se expandir.

Aos 14 anos, eu ia ao Setor Bancário Sul com os amigos de Taguatinga e logo depois com amigos de toda Brasília, gente muito diferente da minha idade, rotina e realidade. Gente que acabei conhecendo por lá e que, frequentemente, vinha de todos os diferentes bairros por um objetivo comum: andar de skate. Para aqueles que eram atendidos pela linha de metrô, costumávamos voltar juntos no fim da tarde e saltávamos em cada estação grupo por grupo, aqueles que desciam no Guará, depois alguns na recente Águas Claras, comigo desciam em Taguatinga e outros seguiam para a Ceilândia. O metrô me abriu essa possibilidade de ter contato com o centro da minha cidade em busca de diversão, por opção, antes que os caminhos me levassem às obrigações fixadas por lá, como escola, faculdade e trabalho. No último ano do Ensino Médio, consegui uma bolsa para estudar em uma das melhores escolas da cidade, no Plano Piloto, e foi nesse ano que fixei minha relação com aquele centro onde estão ligados Taguatinga e outros bairros. Mas o meu trajeto era bem restrito, de transporte escolar eu ia e voltava pra casa com horário marcado, acordava às 5 da manhã e almoçava em casa, salvo algumas aulas no período extra-classe. As minhas relações bairristas ainda eram muito estreitas e direcionavam todas as minhas outras atividades, não-acadêmicas, para Taguatinga.

Na universidade tudo mudou, eu passava quase o período integral no Campus, localizada no Plano Piloto. Novo lugar, novos amigos, novas experiências e, nesse

¹PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2009.

momento, a cidade se mostrou inteiramente nova pra mim. Além da faculdade, todas as atividades de lazer e cultura aconteciam no centro da capital: simpósios, exposições, festas, reuniões de trabalhos acadêmicos, reunião de amigos. Na época, eu não me questionava o porquê dessa concentração de atividades, apenas concordava em participar na alegria e euforia da novidade. Eu não reclamava em carregar quilos e quilos na mochila todos os dias (livros, escova de dente, desodorante, blusa de frio, guarda-chuva, computador, canudo para papel) enquanto meus amigos, moradores no Plano Piloto, dirigiam seus respectivos carros e podiam guardar todas essas coisas no porta-malas, passar em casa no intervalo de cada uma dessas atividades, almoçar em casa ou até tomar um banho antes de ir ao happy hour.

A cidade e seu funcionamento me levaram a acreditar que era perfeitamente “normal” gastar mais de 2 horas todos os dias para me locomover nas minhas atividades diárias e foi, apenas no meu segundo ano de faculdade, quando tive a oportunidade de me mudar para a Asa Norte, que comecei a perceber a lógica segregadora de Brasília. Eu podia voltar a pé pra casa, pela sombra que as árvores das superquadras fazem pelo caminho com passarinhos cantando, uma tranquilidade difícil de acreditar. Era tão agradável que eu fazia questão de não escutar música alguma pelo fone de ouvido, a música já estava ali, natural pra quem quisesse ouvir. Mas não demorou muito para que aquela calma me incomodasse, não pela calma em si, mas pelo significado que ela carregava. Nem todos podiam ter aquela experiência diária, na verdade, quase ninguém vivia a mágica projetada pela cidade-jardim brasileira. O 110 passava por mim lotado, cortando todo o verde por uma via expressa em direção à Rodoviária. O jardim pelo qual eu caminhava era apenas uma vitrine para aqueles que olhavam pela janela do ônibus sem poder tocar o lado de cá.

A minha reflexão continuou, era impossível passar despercebido pela higienização evidente na configuração da cidade. Apesar de andar pelos jardins exclusivos da classe média brasileira, eu percebia que a própria não tem o costume de fazer o mesmo, a maioria caminha apenas em direção ao próprio carro e ainda reclama quando não encontra uma vaga em frente ao bloco onde mora. Eu começava a entender o vazio de Brasília. Eu estava tão feliz de poder utilizar o transporte público em trechos curtos dentro de um mesmo bairro, mas ao frequentar as paradas de ônibus pela cidade percebi que as pessoas que usavam os ônibus eram justamente aquelas que precisavam percorrer longas distâncias até suas casas. Os brasileiros do Plano Piloto continuam dentro do próprio carro ao percorrer os 7 quilômetros que o levam para escola ou trabalho e reclamam do trânsito, principalmente das tesorinhas engarrafadas na hora do almoço. Os moradores dos demais bairros

não ficam fora do mesmo pensamento, os que podem pagar e manter o próprio carro não abrem mão de percorrerem sozinhos em seu veículo particular os 60 quilômetros diários. O cidade planejada para carros realmente funciona para tal fim, negligenciando, deliberadamente, todos os dias, os que não podem arcar com o modelo de vida automotivo.

Brasília me intrigava mais a cada dia, eu queria conhecer a raiz, a lógica dessa cidade, como e porque as pessoas se comportam e interagem com o espaço dessa forma. Decidida com meu objeto de estudo acadêmico, a cidade passou a fazer parte de mim, inteiramente. Todos os meus movimentos agora se davam em um espaço que eu coloquei em primeiro plano. Mesmo ao longo do opaco cotidiano, Brasília permaneceu nítida. A análise foi constante desde que decidi decifrar essa cidade. Meus amigos, novos e antigos; os lugares que frequentei, por obrigação ou opção; as pessoas em seus carros, bicicletas, skates ou a pé; a paisagem que se formava diante de mim a todo momento; o que as pessoas falam, o que escutam; eu observei cada detalhe individualmente e costurei-os num todo. O que tinham em comum? Juntos eles são Brasília.

A psicogeografia me explicou o que eu vinha fazendo intuitivamente. Os Internacionais Situacionistas me ensinaram a explorar a cidade de outra forma e deram a isso o nome de deriva. Segundo Debord, a deriva era vista como um “modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica de passagem rápida por ambiências variadas”², uma nova forma de compreender o espaço urbano que eu estava experimentando. Essas derivas não aconteceram exatamente como propunham os psicogeógrafos, pois aconteceram de forma fragmentada pelo meu cotidiano, ou completamente planejadas, mas quase sempre de bicicleta e não a pé como defendiam. De qualquer forma, fizeram parte das ferramentas utilizadas para me aproximar de Brasília e desvendar minha relação afetiva com a minha cidade.

Procurei diversificar o meio de transporte pelo qual eu transitava pelo espaço, a velocidade é o que mais distingue cada um deles. A pé, o tempo é só meu, e tudo passa na velocidade que melhor se percebe a escala humana. Se estamos no inverno, é possível sentir a grama seca, notar a sombra que diminui em consequência de tantas folhas no chão, o barulhinho das folhas que se desmantelam a cada passo. A velocidade pode ser controlada, e, a cada nova descoberta, é fácil parar, olhar, escutar, cheirar, sentir o que te rodeia, tirar uma foto do ipê tão amarelinho que floresceu de um dia para o outro, parar para desenhar o que compõe a paisagem, fechar os olhos para recordar o momento. Escutar. Escutar é a mais delicada das

²PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2009.

observações. A música urbana que compõe o caminhar não pode ser ouvida de outro lugar que não seja sobre os próprio pés, ela é mágica e pode nos guiar por caminhos surpreendentes. É capaz de nos fazer parar para escutar uma conversa interessante, sorrir com um comentário inusitado ou até nos fazer mudar de direção e acabar sentada num pilotis de um bloco de onde posso escutar uma aula de flauta que acontece no primeiro andar.

De bicicleta, a escala humana ainda é percebida, apesar da maior velocidade. As folhas secas se quebram sob as rodas e ainda é possível escutá-las. O momento é mais rápido, mas ainda é muito próximo das pessoas, é possível cruzar com um outro ciclista pela ciclovia olhar nos olhos, sorrir para ele e receber um sorriso de volta, é um momento curto, mas suficiente para compartilhar a cumplicidade de ver o mundo sobre duas rodas, tempo suficiente de não se sentir tão sozinho na cidade que parece pertencer aos carros, de distribuir sorrisos, tudo isso antes mesmo de chegar no trabalho. Na velocidade da bicicleta também é possível parar, mas não é tão fácil como quando caminhamos, algo precisa realmente chamar atenção para descermos das rodas. Ainda é viável perceber a vida por trás de cada janela modernista: o cachorro que lá de dentro, com a cabeça pro lado de fora, está louco para descer, para passear; a samambaia pendurada por uma cordinha no canto direito daquela janela enorme; o papel de parede florido ou uma estante cheia de livros; podemos até escutar a mãe chamando o Joãozinho para jantar, mas talvez a aula de flauta possa passar despercebida na velocidade da bicicleta.

De ônibus, a cidade é outra, o tempo se transforma. O nosso transporte público estimula a contemplação, com os horários não definidos passamos longos momento a olhar o horizonte ou a última curva esperando que o nosso ônibus surja, é um exercício de paciência que pode ser resolvido de várias formas. Em um ponto fixado no horizonte, podem surgir ideias que você jamais tinha pensado a respeito, decidir o que fazer depois que terminar a faculdade, qual a desculpa que vai dar quando chegar atrasado no compromisso; também se pode escutar uma boa música e finalmente prestar atenção naquela letra que você sempre canta, mas nunca tinha pensado de fato no significado daquelas palavras. Em um ponto de ônibus podemos notar sobre o que conversam jovens de 15 anos, ou como se vestem as velhinhas de 70; é viável inclusive pedir alguma informação sobre o último ônibus que passou e dar continuidade a uma conversa agradável; mas também se corre o risco de uma pessoa chata começar uma conversa, pegar o mesmo ônibus, sentar do seu lado e não parar de falar nunca. O momento da espera é preenchido de várias formas e muito se pode observar de cada um pela forma que ocupa esse espaço de tempo. A velocidade, quando se anda de ônibus, é única. É um tempo, velocidade e espaço compartilhado com pessoas desconhecidas, os caminhos não se cruzam como de

bicicleta ou a pé, os caminhos seguem juntos por até muito tempo. Essa é a forma de deslocamento que possibilita maior contato com as pessoas. É possível escutar conversas inteiras de um completo desconhecido, saber quantos filhos tem, no que trabalha, o que está indo fazer, sem mesmo saber seu nome.

Andar de carro é uma ilusão de economia de tempo. Tem-se a impressão de que ir de carro encurta distâncias, e assim se ganha tempo. Mas na verdade o tempo dentro do carro se torna um tempo nulo, apesar de curto. O nível de atenção que se exige ao dirigir um veículo e a velocidade que ele se desloca não possibilitam conhecer o lugar onde se passa, não permite ver, escutar, sentir as outras pessoas. Dirigindo não se pode ler o jornal, terminar o último capítulo do seu livro, nem estudar para a próxima prova. De dentro do carro o tempo é artificial, e assim se torna a cidade.

Construí o meu olhar de Brasília ao longo dessas observações e as registrei em *sketchbooks* por onde passava. Desenhos, anotações, balões de fala dos meus personagens urbanos, e assim, linha por linha, a cidade foi se construindo graficamente para mim. O meu imaginário de Brasília.

4.1 Sketchbook como instrumento

O *sketchbook* é um instrumento que faz parte do processo de criação e há muito tempo é utilizado para os mais diversos fins. Leonardo da Vinci tinha sempre cadernos consigo e costumava fazer anotações, desenhos, rascunhos de algumas invenções. Historicamente, muitos artistas usaram seus cadernos como as páginas desconhecidas do processo criativo, como o espaço para tentativa e erro, experimentações. O princípio de um *sketchbook* é tê-lo sempre em mãos, um suporte portátil para fazer registros a qualquer momento, em qualquer lugar, não deixar a ideia se perder. Estampadas nessas páginas que se fecham com uma capa, carregadas na mochila ou guardadas na estante podem conter belíssimas poesias, desenhos, ideias, mas também podem conter muitos erros. Principalmente erros. Essa é a magia de um suporte para criações que não são feitas para serem expostas. O *sketchbook* de um artista é sua maior intimidade, com suas partes feias e bonitas. Esses rascunhos podem dar início ao que posteriormente pode virar um livro, um quadro, uma coleção de roupas, no entanto, esse é o espaço do artista para experimentar, praticar, sem medo da exposição.

Acontece que muitos desses cadernos se transformam na própria obra de arte, a liberdade que se adquire para a criação abre portas para resultados

fantásticos. Os *sketchbooks* são explorados como uma fonte de informação para conhecer o processo criativo de grandes artistas, e muitos deles são publicados. Podemos encontrar as páginas dos *sketchbooks* de grandes nomes como Rembrandt, Goya, Paul Cézanne, Van Gogh, entre outros artistas, em publicações *online*, principalmente nos sites dos museus onde esses cadernos se encontram. Os artistas atuais também ganham espaço na publicação de seus *sketchbooks*, basta prestar atenção na quantidade de cadernos de viagens e urbansketching disponíveis nas livrarias, além de grandes iniciativas como o Sketchbook Project³ que disponibiliza uma biblioteca física e virtual apenas de *sketchbooks*.

Em Brasília *sketchbook* o *sketchbook* foi um instrumento de vital importância, meio a minha imersão na cidade e registro constante. A companhia do *sketchbook* em meus dias de deriva, foi fundamentais no processo de construção do imaginário da cidade. O registro das pessoas, suas falas, roupas e dos espaços foram naturais e aconteceram sem muito comprometimento (Imagens 1 e 2). Esse registro não tinha a intenção de fazer parte propriamente das ilustrações de Brasília que participariam do trabalho, mas foi uma etapa importante para experimentar e descobrir o estilo gráfico a ser trabalhado nas ilustrações finais. Ele representou um espaço de expressão sempre presente, possível de ser explorado a qualquer momento

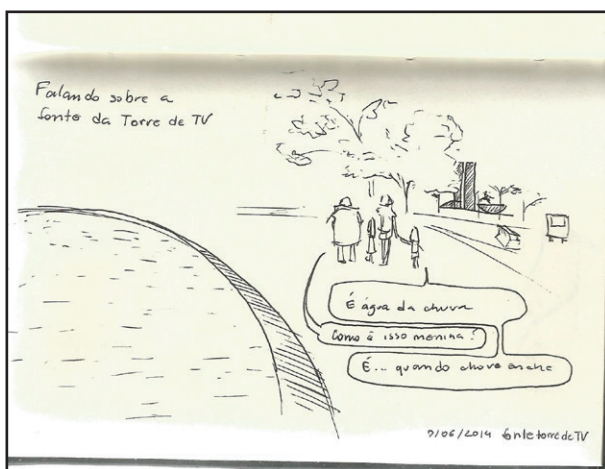


Imagem 1 – Exemplo de registro descomprometido em sketchbook. Junho de 2014



Imagem 2 – Exemplo de registro descomprometido em sketchbook. Agosto de 2014

Dada a importância do *sketchbook* no processo anterior a produção das ilustrações finais, ele continuou a ser usado. É preciso enfatizar que o espírito de registro espontâneo que se deu na primeira fase foi continuado nas ilustrações que constam neste trabalho. A portabilidade de um caderno de desenho foi

³Disponível em: <<https://www.sketchbookproject.com>>.

fundamental para o deslocamento na cidade como propõem as trajetórias. Falar sobre a primeira fase e a produção final é apenas uma forma didática para explicar a evolução da técnica e o olhar sobre o objeto de estudo. Uma vez que os registros descomprometidos da primeira fase continuaram paralelamente com a produção final. Para conseguir lidar com a logística de um cronograma dos desenhos que constam na publicação conjuntamente com pequenos registros descomprometidos, foi necessário andar sempre com a mochila cheia: diversos cadernos, estojo de pincéis, aquarela, água, pano, banquinho portátil, protetor solar e um chapéu. Eu me senti um personagem na cena que se dava ao meu redor. As cenas construídas e registradas, da qual eu fazia parte, foram transformadas no momento que eu estava lá, uma espécie de intervenção urbana temporária registrada e analisada enquanto eu ali permanecia.

4.2 Intervenção da presença. O ato de ilustrar

A escolha pela ilustração como forma de registro das minhas impressões sobre a cidade estava presente desde a minha decisão sobre o objeto de estudo. A ilustração se mostrou a maneira mais completa e flexível da minha representação de uma experiência afetiva com o espaço. Mais completa que a fotografia. Apesar da fotografia ter sido uma importante ferramenta na primeira fase de pesquisa, ela não atendeu plenamente às minhas pretensões de retratar Brasília. A fotografia é capaz de captar apenas um instante. Um instante para mim não é suficiente para contar sobre Brasília, seus caminhos e pessoas. Um instante não é suficiente para contar a história de uma cidade.

Ilustrar não diz respeito apenas a uma imagem nas mãos de um observador, a ilustração descritiva é uma imagem que conta a história de um lugar, das pessoas que passam por ali, do tempo em que tudo acontecia e, principalmente, nos revela o artista por trás do papel. O artista registra a si mesmo quando coloca em cores a paisagem diante dos seus olhos. O tempo é a maior particularidade de ilustrar. Quando o artista escolhe o ângulo que pretende retratar, se posiciona diante da “cena” que ele mesmo recortou da realidade e se põe a registrá-la, degustá-la, vivê-la, ele passa também a interagir e fazer parte dela.

As ilustrações deste trabalho foram todas feitas e terminadas in locus e jamais fotografadas e terminadas depois. Acredito que a essência do momento só pode ser captada quando presenciada, assim como defendiam os impressionistas quando saíram definitivamente dos seus ateliês. Em busca da real essência de uma

cena, tanto eu como Monet concordamos que ela está mais próxima de como as imagens se formam diante de nós do que o quanto conhecemos o objeto retratado, por isso as ilustrações também não foram feitas de memória.

4.2.1 Fragmentos

“... nunca abalando a certeza de que a paisagem continua para além dos limites do que podemos ver naquele momento.”
(PEIXOTO, 2003, p. 11)⁴

A produção da ilustração está estritamente ligada ao tempo que se gasta para fazê-la, sendo curto ou longo, o tempo contribui para definirmos como captar o momento. Na linha de ilustrações que retratou a Minha Brasília foram gastos, em média, quatro horas em cada desenho. Essas quatro horas quase sempre fragmentadas em até mais de dois dias. As horas que discorrem pela paisagem escolhida definem a luz que incidem ali, em que período do dia foi registrada, em que estação do ano, as diferentes pessoas que passaram ou estiveram ali compartilhando o momento comigo enquanto eu registrava.

O tempo que se leva para desenhar uma paisagem está diretamente ligado à efemeridade dos elementos que compõem a cena. Quando um instante é captado por uma fotografia é possível congelar elementos transitórios, todos ao mesmo tempo e analisá-los depois. O fotógrafo pode capturar, no instante que escolheu para apertar o botão, elementos que nem mesmo ele havia observado. Pode-se descobrir elementos inusitados após o instante apreendido pela máquina fotográfica, um gatinho que sorrateiramente atravessava a cena captada, folhas que caíam daquela árvore despercebidas, a paisagem é percebida em apenas um instante. No desenho, a relação com a paisagem é diferente. Os elementos transitórios requerem um cuidado e estudo bem mais complexo e delicado. Refiro-me a elemento transitório tudo o que se move na cena, a parte viva da paisagem: pessoas, animais, carros em movimento, as folhas que balançam com o vento.

Todos os elementos que constam no registro ilustrado foram detalhadamente observados e escolhidos para estarem ali. O artista, ao pintar uma cena, é capaz de recriá-la, e na posição de criador tem o total controle não só do ângulo escolhido, como na fotografia, mas de toda a composição, a disposição e formas dos seus elementos. Durante as horas e dias de registro de uma mesma cena vários instantes

⁴PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2009.

são captados. O desenho final são fragmentos representados no mesmo suporte, recortes de diversos instantes, reunidos e singularizados pelo olhar do artista.

Para melhor compreender essa combinação de fragmentos temporais captados pelo artista, podemos tomar a primeira ilustração deste trabalho como exemplo (imagem 3). A parada de ônibus da L2 Norte, na altura da 406, começou a ser registrada numa sexta-feira, fim de tarde, horário de grande fluxo de automóveis e pessoas, e foi terminada apenas no dia seguinte, num sábado com pouco movimento. Inúmeras pessoas sentaram naquele banco, incontáveis ônibus passaram por aquela parada, a sombra das árvores e prédios também mudaram de lugar. O resultado final desse desenho é composto por várias pessoas que estiveram ali em momentos distintos e de fato não compartilharam o mesmo instante, mas juntas, numa cena construída por mim, representam todo o período do registro. A cena exata não existe, mas talvez ela seja mais verdadeira que qualquer fotografia.



Imagem 3 – Recorte da ilustração parada de ônibus L2 Norte

4.2.2 Inabitual contemplação

Enquanto desenhava percebi muitos olhares curiosos de pessoas que não entendiam o que eu estava fazendo. Alguns entendiam que eu estava desenhando, mas só depois de conversar comigo, percebiam que eu estava desenhando a paisagem na minha frente. “Paisagem”. As pessoas costumam achar que a definição de paisagem cabe apenas as paisagens bonitas, mas sendo beleza um conceito tão complexo e particular, como definí-la? Não faz parte da discussão do projeto conceituar a beleza, mas sim registrar o que acredito belo.

A vulgaridade do cotidiano é a beleza que passa despercebida, é isso o que me fascina. Acredito que o sublime se esconde na invisibilidade dessas paisagens. Deve-se aprender a ver para conseguir notá-lo. Brissac Peixoto defende que a atualidade midiática transforma o mundo em uma saturação de imagens sem

sentido, “olhos que perderam a capacidade de olhar” (PEIXOTO, 2003, p. 64)⁵. É cada vez mais difícil ir ao encontro do sublime. Empenho-me em registrar a beleza que aprendi a ver, antes invisível, ofuscada.

“Mas é isso – essa beleza – que se perdeu. O que mais escapa às imagens contemporâneas? O que elas são mais incapazes de retratar? O que parece ter desaparecido por completo da fotografia, do cinema? O rosto e a paisagem.” (PEIXOTO, 2003, p. 19)⁶

Essa beleza só se perdeu ou se tornou invisível pela nossa incapacidade de enxergar. E se a beleza já não se vê, perde-se também o hábito da contemplação. No mundo da velocidade e superficialidades das imagens, nada é interessante o suficiente para interromper o fluxo interminável das atividades e compromissos. Contemplar já não faz parte das atividades. Por isso as pessoas estranharam e julgaram incomum ou inapropriada a minha presença em certos lugares.

Durante a produção de um dos meus desenhos, uma senhora comentou que aquilo que eu estava fazendo, desenhando na rua, é muito comum na Europa, mas ela não costumava ver isso aqui no Brasil. Em um outro momento, durante o desenho da plataforma rodoviária, um homem se aproximou e também comentou sobre esse “costume europeu”, mas a referência dele era outra. Contou-me que uma vez conheceu um francês, que estava fazendo um desenho fantástico da Praça dos Três Poderes. As referências eram distintas, cada uma advinda do seu contexto social, mas as duas queriam dizer a mesma coisa: não é comum por aqui sentar em algum lugar e contemplar a paisagem, principalmente se essa for a plataforma rodoviária ou um parquinho em alguma superquadra.

Durante o registro do meu primeiro desenho, eu estava sentada no canteiro central da L2 Norte. Dentre as várias pessoas que não entendiam o que eu fazia sentada ali, muitas delas pararam para falar comigo, perguntaram se estava tudo bem, se eu tinha me machucado, caído. Era simplesmente incompreensível para elas contemplar ou mesmo desenhar aquela vista.

⁵PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2009.

⁶Ibid..



Imagem 4 – Eu desenhando no Calçadão da Asa Norte.
Fonte: Ana júlia Melo

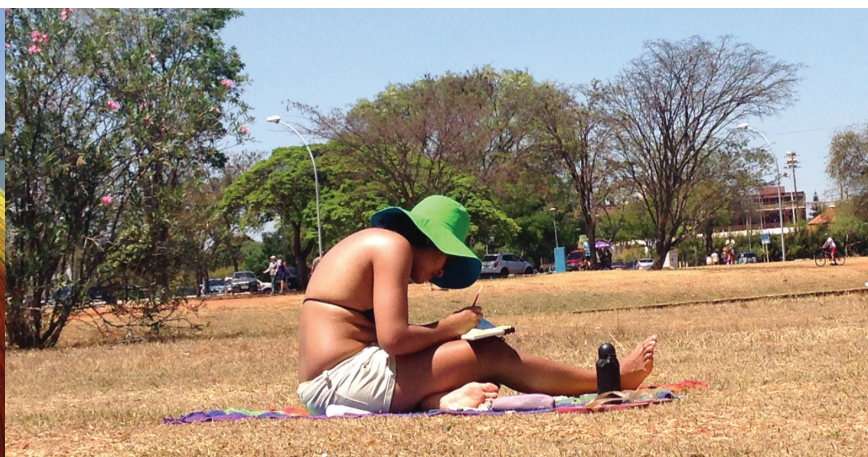


Imagem 5 – Eu desenhando no Parque da Cidade.
Fonte: Ana júlia Melo

4.2.3 Interação inevitável

A interação com as pessoas pertencentes à cena registrada se mostrou inevitável. Nas ilustrações mais demoradas, todas, sem exceção, resultaram em pelo menos duas conversas ou comentários sobre a minha presença no ambiente ou o que eu estava produzindo.

Ao permanecer, em média, quatro horas em cada lugar que registrei passei a fazer parte da paisagem, mesmo que de forma momentânea. Eu sou o elemento não esperado em um lugar inusitado. Dessa forma, eu acabo sendo uma própria intervenção no espaço escolhido. Uma forma atípica que despertou atenção e a reflexão de alguns que transitam por ali. Eu registro e retribuo o olhar quando decido registrar in locus. Essa decisão diz mais sobre a minha presença e meu olhar que olha de volta a paisagem ou o rosto, do que o resultado do desenho. De forma ainda mais direta quando nos referimos aos retratos.

Os 15 minutos podem parecer rápidos se comparados às outras linhas de ilustração, mas extremamente longos, comparados à fotografia. Nesse espaço de tempo, o modelo encontra uma posição confortável para se fazer registrar, entre palavras, histórias, confissões e sorrisos, o olhar encontra um refúgio e pausa no meu. Brissac Peixoto entende esse momento como “Um relance no qual o ser humano se aceita” e completa “Vive o pintor para esse instante” (PEIXOTO, 2003, p. 64)⁷.

Algumas pessoas, ao longo dos registros, decidiram contemplar comigo.

⁷PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2009.

Elas se posicionaram ao meu lado, olhavam para a paisagem e olhavam para o meu desenho. Não sei o que pensavam, mas também eu não me sentia desconfortável com a presença delas. Na verdade, uma felicidade misturada com satisfação, além de gostarem do meu trabalho, senti uma conexão, como se elas pudessem entender pelas cores o que eu não saberia dizer com palavras. Elas foram as únicas que experimentaram uma sensação semelhante à que eu sentia: viam, sentiam, estavam no mesmo contexto que eu. Elas não chegaram a ver o resultado final, talvez não gostassem, não concordassem. E talvez elas sejam as únicas em posição de fazê-lo. Conheciam aquele momento, a paisagem, eu e minha aquarela.

A interação também aconteceu em contextos diferentes da produção do desenho. Alguns amigos me relataram que me viram no canteiro central da L2 Norte, algumas semanas depois daquele dia. Quando conheci Iasmim, a menininha de um dos retratos, ela já me conhecia. Ela me perguntou se era eu a menina que alguns dias antes estava sentada lá em cima, desenhando em um banquinho. Essas interações posteriores puderam me dar um pequeno indício da dimensão do alcance da intervenção na cidade com o ato de ilustrar. Talvez ainda maior do que a própria ilustração, que divulgada na internet é possível contabilizar o número de visualizações, acessos e interações.

5. COMPARTILHANDO ESSE OLHAR

O presente trabalho apresenta um olhar pessoal sobre Brasília, traduzido em ilustrações e textos que as acompanham. Meu campo de pesquisa se restringe ao Plano Piloto. Esse recorte da cidade é feito por representar a parte da cidade presente no meu cotidiano, além de ser o centro de Brasília.

5.1 Técnica ilustração

A técnica utilizada em todas as linhas de ilustração tem um ponto em comum que dá uma identidade ao conjunto: Em todas elas a aquarela é amplamente utilizada. Além da aquarela, as três diferentes linhas de ilustração são complementadas com outro material. No caso o nanquim e ink watercolor proof (Super5), que auxiliam nos traços estruturantes das formas construídas. (Imagem 6)



Imagem 6 – Materias utilizado para a produção das ilustrações.
Fonte: Luísa Melo

A primeira linha de ilustração (Imagem 7) é composta por desenhos cuja elaboração dura em média quatro horas e geralmente são produzidos em mais de um dia. É auxiliada pelo desenho em grafite no momento inicial de estruturação da cena e escolha dos primeiros elementos. Em sua fase inicial, são captadas as primeiras pessoas e elementos, mas nem sempre eles permanecem até a conclusão

do desenho. O uso de borracha é restrito a poucas situações, e às vezes, é possível enxergar a sombra ou alguma marca do grafite sob a aquarela. Em um segundo momento, a aquarela entra em cena preenchendo primeiramente os maiores campos de cor, e também aqueles em último plano. Essa fase é bem livre e descontraída, as tonalidades são mais claras e possibilita a criação de diferentes percepções sobre as cores do céu e solo. Em sequência vão sendo adicionadas as cores de planos mais próximos, dando naturalidade à sobreposição das camadas que constituem a cena. Por último, são adicionados os tons mais escuros que criam a volumetria da composição. Depois de pronta a coloração, a ilustração é finalizada em traços com caneta nanquim 1.0. O preto do nanquim confere à ilustração um caráter mais gráfico. É essa finalização com nanquim que possibilita uma boa digitalização da imagem para reproduções futuras.

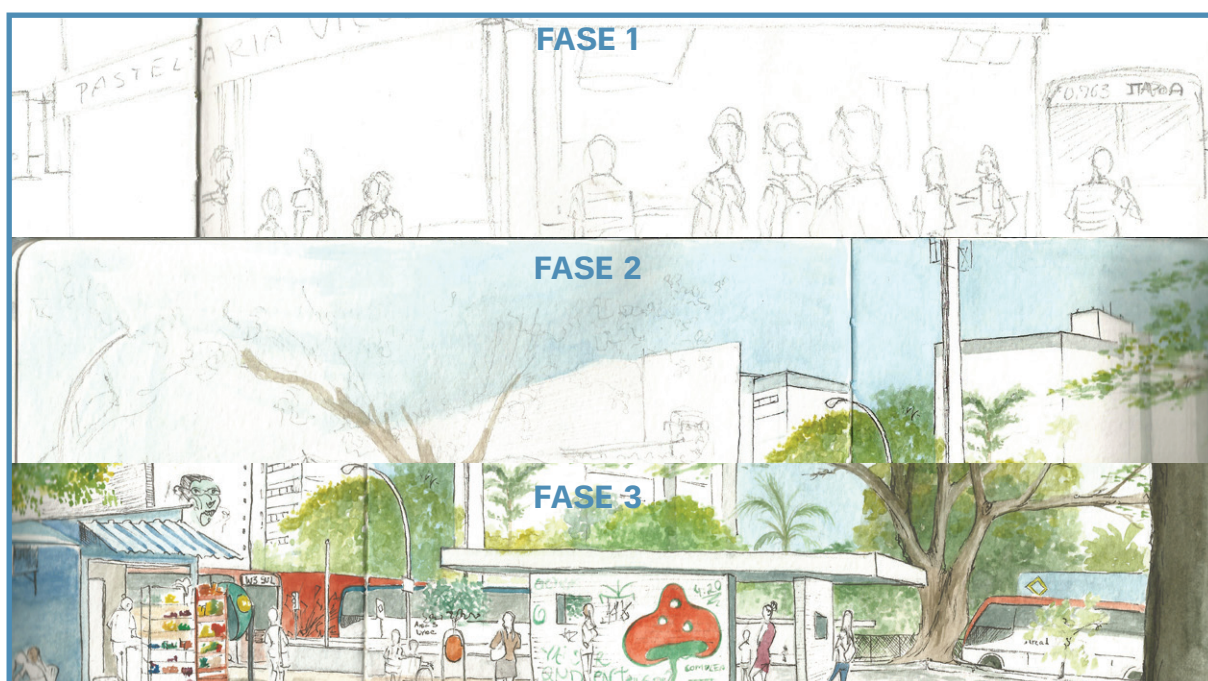


Imagem 7 – Fases de produção da primeira linha ilustrativa, grafite, aquarela e nanquim

A segunda linha de ilustração (imagem 8) é caracterizada por desenhos rápidos, de no máximo 40 minutos, que nem sempre apresenta a figura humana dentre seus elementos. O grafite também é utilizado no início do processo para a formulação do ponto de vista e estrutura da cena. Depois, as cores são adicionadas em aquarela em apenas uma fase, bem mais simples que na primeira linha de ilustrações. Mas a simplicidade é cuidadosa ao delimitar o objeto de destaque na composição. Esse objeto destaque, registrado nessa seção da publicação, é o elemento que representa a intervenção das pessoas com o espaço. A cor delimita sua importância contornando o elemento, colorindo apenas o externo a ele. O

elemento central também ganha destaque por ser o único finalizado com a caneta nanquim ao final.



Imagem 8 – Exemplo da segunda linha de ilustrações

A terceira linha de ilustrações (imagem 9) é a que mais se difere das anteriores, tanto por seu tema quanto por sua técnica. Os desenhos são feitos em torno de 15 minutos devido à disponibilidade do modelo retratado. O tempo determina grande parte da técnica. Primeiro, são feitos os traços com uma tinta mais clara, tinta à prova de água. Pois os traços são a parte mais representativa do retrato, os traços da minha caneta buscam os traços que caracterizam a personalidade de cada pessoa que desenhiei. São os traços que devem ser feitos necessariamente primeiro, já que não podem ser inventados, caso a pessoa tenha que sair inesperadamente. Depois, a cor é adicionada em aquarela. Os espaços não coloridos são de fundamental importância para o registro rápido, pois são neles que o volume do rosto pode ser representado. Não há tempo para o preenchimento quase total com cores, como pode acontecer em ilustrações demoradas. Dessa forma, o contraste é evidenciado e colabora para a expressividade do desenho.



Imagem 9 – Exemplo que retrato da terceira linha de ilustrações

5.2 Projeto gráfico

Todo o projeto gráfico começou com a decisão da técnica e materiais utilizados para o desenvolvimento das ilustrações. O conceito do sketchbook também pautou várias decisões sobre a forma de apresentação dessas ilustrações, pois consiste no suporte original onde foram desenvolvidas. O objetivo inicial foi desenvolver um formato de publicação para as ilustrações, mas à medida que o projeto foi sendo desenvolvido, surgiu a necessidade de vários outros itens complementares, como cartão de visita, cartão postal, blog e algumas peças publicitárias.

Foi desenvolvida uma identidade visual com o objetivo de facilitar a identificação do projeto em suas várias formas de apresentação. Essa identidade está fundamentada no conceito manual da ilustração. O princípio originário do sketchbook e aquarelas engloba aspectos sensoriais tanto visuais quanto táteis, decisivos para a escolha do selo do projeto e seus materiais.

Marca:

BRASÍLIA SKETCHBOOK

Imagem 10 – Logo Brasília Sketchbook

O logotipo é uma combinação de fontes da família tipográfica Code Pro desenvolvida pela FontFabric. A primeira palavra “BRASÍLIA” com uma espessura maior, na fonte Code Pro; e “SKETCHBOOK” com uma espessura menor, na fonte Code Pro Light. Todo o conjunto em caixa alta.

A fonte Code Pro foi escolhida pela sua estética geométrica que combina com o caráter Brasília modernista e complementa as linhas orgânicas da ilustração criando um contraste positivo. É importante uma identidade limpa que não compita com a importância que requer a ilustração.

Cor:

Imagem 11 – Cor da
palheta utilizada



Foi definido uma cor padrão azul
C: 70% M: 35% Y:15% K:0%
R: 82 G: 141 B: 181
#528DB5

Material:

Todas as peças impressas do *Brasília Sketchbook* foram feitas no mesmo tipo de papel, “Tradition” 250 g/m³. O papel é texturizado e lembra a ilustração original por sua semelhança com o papel de aquarela. Assim, o leitor tem uma experiência sensorial mais próxima do manuseio de um sketchbook de verdade.

Cartão de visita:

Papel Tradition 250 g/cm³, impressão cores a laser

Formato 28mmX70mm

O cartão de visita possui um lado ilustrado e o outro com informações sobre as possibilidades de acesso *online* ao projeto (Imagem 12). O lado com a ilustração contém apenas a sexta parte de um mosaico que monta uma ilustração maior. Ao total, são 60 modelos diferentes que fazem parte das 10 ilustrações da primeira linha Minha Brasília. Distribuir apenas um pedaço de um um desenho maior é intencional para dar um outro destaque para os elementos que compõe o todo. Dessa forma desperta a curiosidade para que a pessoa acesse o projeto *online*, descubra de qual desenho completo veio o recorte selecionado que ela possui e descubra outras ilustrações.



Imagem 12 – Layout do cartão de visita

O “quebra-cabeça” (imagem 13) que constitui a justaposição de todos os diferentes modelos de cartão de visita também desperta o lado lúdico da relação do público com o projeto. Essa interação é de grande vantagem para despertar o interesse em conhecer o projeto de perto. Essa estreita relação também cria um laço de exclusividade que fideliza o público.

O cartão não foi criado apenas como forma de divulgação do projeto, mas uma ferramenta de conexão com as pessoas que, eventualmente, participarão de futuras cenas ilustradas. Ao interagirem comigo durante o registro, recebem um cartão com as informações de acesso *online* e podem acompanhar as publicações e se reconhecer em uma das ilustrações.



Imagem 13 – cartões de visita

Postais:

Papel Tradition 250 g/cm³, impressão a laser

Formato 100mmX150mm

Os postais funcionam como um incentivo à participação ativa das pessoas que acompanham as publicações do *Brasília Sketchbook* no FaceBook. Os postais são enviados pelo correio aos que reconhecerem o local registrado, publicado na *fanpage* do projeto e tirarem uma foto do mesmo lugar e compartilharem na mesma página.

Os postais também são uma parte de uma ilustração maior e podem ser posicionados lado a lado para completarem toda a imagem (Imagem 14). Cada dupla de postais formam uma ilustração do conjunto de 10 ilustrações da linha *Minha Brasília*. Também existem os postais que sozinhos mostram toda a imagem, como é o caso da linha *Apropriação e Retratos Urbanos*.

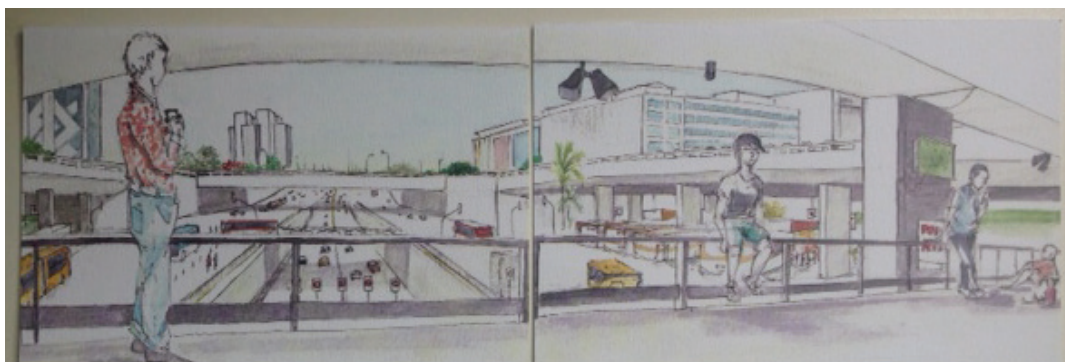


Imagem 14 – Exemplo de montagem do par de postais

O verso de cada postal identifica meu nome como ilustradora e o local de cada ilustração. Nos postais que possuem uma dupla é informado a letra “A” ou “B” além da identificação do lugar (Imagem 15). Para formar o par da ilustração basta encontrar dois postais com a mesma identificação do lugar que diferem entre si apenas pelo “lado A” ou “lado B” impressos ao lado. Na linha Retratos Urbanos parte do texto sobre o personagem é colocado no verso. Esse texto corresponde à informação do local que aparece nas outras linhas de ilustração.

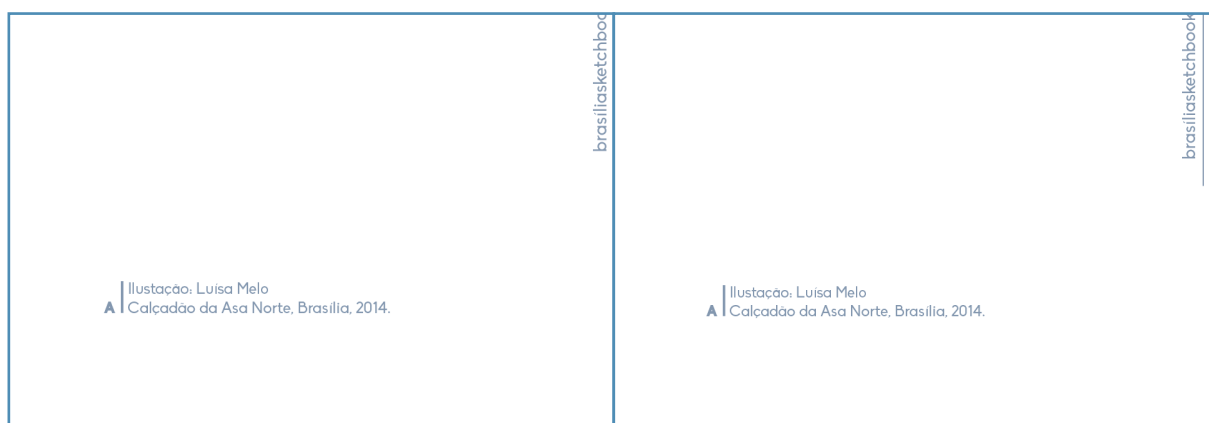


Imagem 15 – Layout do verso do postal, ênfase na diferença entre lado A e lado B

Publicação Livro/Lâminas:

Papel Tradition 250 g/cm³

Formato: 200mmX630mm

Foi decidido o formato da publicação em lâminas independentes (Imagem 16) a fim de dar ênfase à característica de obra de arte das ilustrações. Em um formato maior que o desenho original, o público terá uma visão exclusiva de todos os detalhes das “cenas” retratadas. Mesmo disponibilizados em diferentes plataformas *online* previamente, a qualidade da imagem *online* nem de perto se aproxima com a disponível em versão impressa.



Imagem 16 – Lâminas da publicação

As imagens, em sua maioria na horizontal, são apresentadas em lâminas dobradas ao meio para fazer alusão ao formato do sketchbook no qual foram produzidas. Sendo lâminas independentes, elas têm uma função bem flexível para ser moldada de acordo com a vontade do público. Podem ser emolduradas, coladas na parede, dadas de presente ou mantidas dentro da caixa para eventuais consultas.

A embalagem que acompanha as lâminas tem um papel estruturador na interação do leitor com a publicação. Ela serve de suporte que facilita o manuseio das páginas, que apesar de soltas podem ser passadas uma a uma, como se estivesse folheando o sketchbook original. Sua aparência faz alusão à um clássico sketchbook de capa dura revestida com courino e elástico para fechar. A marca vem na capa para indicar o sentido horizontal da leitura, estampada em relevo com a aplicação de clichê (Imagem 17).



Imagem 17 – Detalhe da capa com a aplicação da marca

Sketchbook:

Também foi criada uma linha de cadernos de desenhos, os sketchbooks, que levam a marca do projeto. Esses cadernos são vendidos separadamente e tem a intenção de incentivar o registro do próprio público sobre a cidade. Na última página vem anexado o mapa com as indicações de todas as ilustrações produzidas durante o projeto. Assim o leitor poderá seguir a minha trajetória e conferir com os próprios olhos os lugares registrados e produzir os próprios registros destes ou mais lugares (Imagem 18).

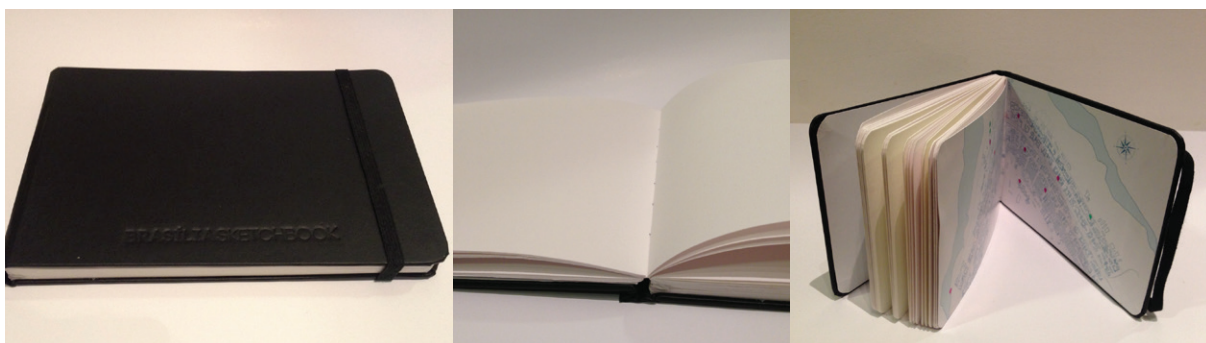


Imagem 18 – Sketchbook

5.3 Conteúdo/Organização

Todo o projeto *Brasília Sketchbook* é estruturado em três linhas ilustrativas distintas. Todas são representações pessoais de um olhar sobre a cidade de Brasília em diferentes níveis. O início do projeto constitui estritamente as minhas impressões do espaço por onde transito diariamente. A composição dos espaços, seus elementos, luminosidade e essência representam o que mais se aproxima de mim e das minhas impressões. Nesse primeiro momento, chamado Minha Brasília compartilho o meu mundo em cores construído a partir de questionamentos, amor e revolta por uma mesma cidade.

O caminho que conduz à produção das linhas ilustrativas que seguem aponta para o sentido em direção ao outro. O movimento de me aproximar da cidade, em sua essência, me guiou no encontro das pessoas que dividem comigo o mesmo espaço que me dediquei a registrar nas primeiras páginas do meu sketchbook. A cada ensaio de abertura para novas experiências e percepções, mais eu via as outras pessoas. Quanto mais eu me abria e aguçava meu olhar, mais eu encontrava outros olhares. O transeunte que cruzava meu caminho, o cobrador que me desejava bom dia, a senhora que esperava na fila ao meu lado. Tantas pessoas antes invisíveis agora colorem o meu dia e as minhas aquarelas. São elas a cidade que eu buscava encontrar, está nelas a essência da qual me indagava.

Na segunda linha ilustrativa, buqueei as pessoas por trás das modificações encontradas na paisagem urbana. Chamada Apropriação, essa parte do trabalho faz parte de um olhar mais apurado, treinado pelas ilustrações anteriores a captar a essência humana por trás dos lugares percorridos. Arrisquei-me chegar mais longe do que a minha própria rotina podia me levar e descobri lugares incríveis.

No último momento, pretendi alcançar o que antes nem mesmo vislumbrava. Aproximei-me do que mais me chamou atenção durante toda a pesquisa prática de descoberta e registro da cidade. Eu precisava ver de perto, ver nos olhos quem é Brasília. A última linha de ilustrações se chama Retratos Urbanos. Nessa última parte me dediquei a registrar pessoas. A trajetória da minha pesquisa me trouxe ao encontro das pessoas que eu observava de longe. Diante delas, eu encontrei a minha cidade natal. Olhando nos olhos. Curiosa a respeito de suas vidas e como viviam esse espaço.

Percorro cuidadosamente todas as escalas representadas nas etapas dessa pesquisa. Começo de longe, receosa e cautelosa. Mas à medida que aprendo a olhar, ganho velocidade e intensidade. Primeiro observo o contexto que vivo sobre os meus próprios pés. Depois, ponho-os a caminhar em direção ao que ainda não

vivi. Munida de uma lente de aumento, busco as nuances que dão forma à paisagem. Encontro um olhar.

1ª linha ilustrativa: Minha Brasília

A primeira linha ilustrativa desse trabalho é também a mais extensa. Composta por 10 ilustrações, foi majoritariamente produzida durante o mês de setembro de 2014. Foram gastos, em média, 4 horas para a produção de cada uma delas, com o mínimo de 3 horas e máximo de 5 horas e meia. Essas mais de 40 horas de observação in locus foram fundamentais para a compreensão da cidade. Foi um exercício para aprender a ver.

A maioria das ilustrações foram feitas em mais de um dia. A cada retorno para completar a ilustração, eu me sentia mais familiarizada com o local e até com as pessoas, mesmo não sendo as mesmas que estavam lá no dia anterior. Isso deu qualidade ao trabalho, resultado de uma observação madura e apurada da cena. A composição dos instantes é feita devido à particularidade de cada elemento escolhido para participar da cena representada. Esses elementos são desenhados com grafite em um primeiro momento, mas são totalmente efêmeros, pois podem ser sobrepostos com algo mais interessante, ou repetidos se mudarem de lugar e forem registrados duas vezes.

Cada desenho carrega uma história, e são essas histórias publicadas no blog para quem tiver interesse de conhecer mais sobre o lugar ou o meu momento de registro (Ver apêndices).

Minha Brasília:



Imagem 19 – Parada de ônibus SQN 406

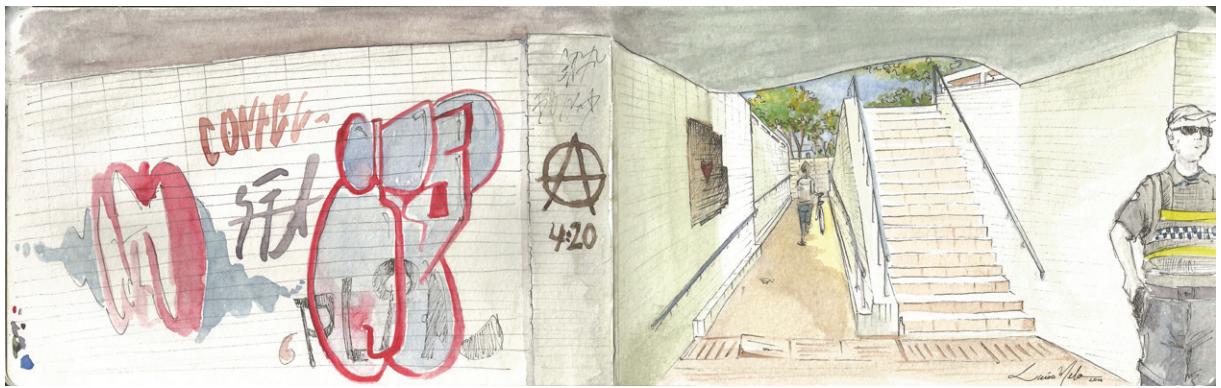


Imagem 20 – Passagem subterrânea SQN 102/201



Imagem 21 – Ceubinho, ICC Norte UnB



Imagem 22 – Setor Bancário Sul



Imagem 23 – Parquinho SQS 303



Imagem 24 – Calçadão da Asa Norte



Imagem 25 – Parque da Cidade

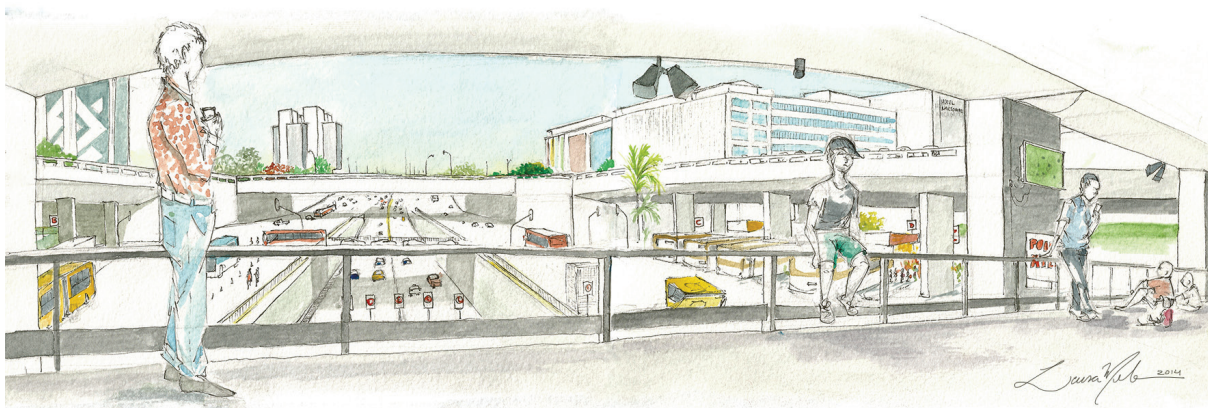


Imagem 26 – Rodoviária

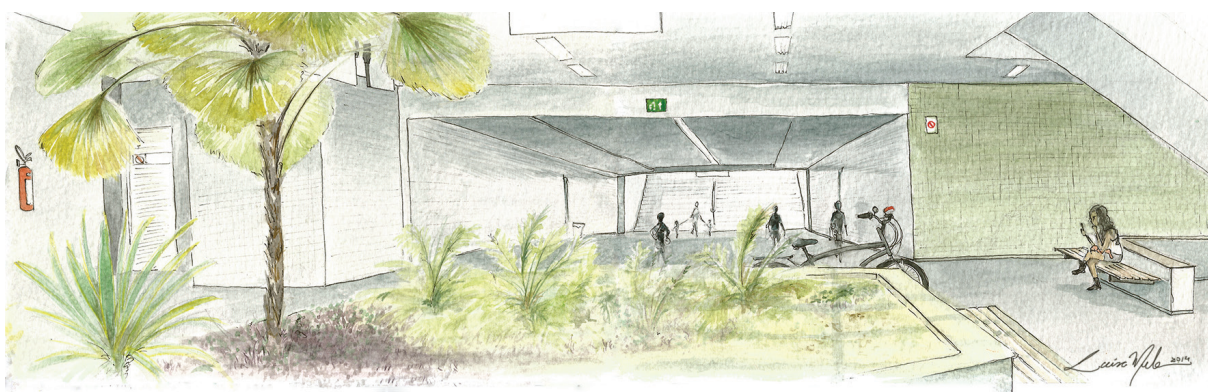


Imagem 27 – Estação do Metrô 108 Sul



Imagem 28 – W3 Sul, SQS 707

A partir desse longo registro que surgiu a necessidade de aproximar o olhar e destacar as nuances, aprendendo a captar o contexto pude seguir em busca das respostas.

2ª linha ilustrativa: Apropriação

Essa linha ilustrativa se chama Apropriação por apresentar locais de intervenção dos habitantes com a sua cidade. Instalações ou mobiliário urbano, feitos para se expressar ou atender alguma necessidade prática. Todos os locais representados por essa linha ilustrativa me chamaram a atenção por demonstrarem nitidamente a transformação do espaço pelas mãos de quem ele realmente pertence, seus habitantes.

A intenção, nessa parte do trabalho, é destacar o ponto de conexão entre as pessoas e o seu espaço. Faço isso por meio da técnica que ressalta a própria intervenção. O objetivo maior é captar as pessoas ligadas àquele espaço, porém elas geralmente não estão presentes na ilustração. Mesmo não registrando a presença humana, ela se faz presente nos pequenos detalhes em cada uma. Por exemplo, as pinturas da mão das crianças na casinha de boneca ou o aviso carinhoso escrito pelos moradores daquela quadra sobre como usar aquele espaço.

Esta parte do trabalho contém 5 ilustrações. Apesar do reduzido número de ilustrações, comparado com a primeira parte, a procura por esses lugares singulares foi de muita dificuldade. Nesse momento, eu saí da minha zona de conforto, da minha relação com a cidade, em busca da relação das outras pessoas com essa mesma cidade. Encontrei essas intervenções fazendo caminhos diferentes daqueles que eu costumava fazer e conversando com amigos. Descobri e compartilhei lugares incríveis, muitas vezes escondidos, para quem não costuma mudar a rota diária de vez em quando.

Apropriação:



Imagem 29 – Kombis da Unb



Imagem 30 – Casinha de Boneca SQN 202



Imagem 31 – Redário Memorial Darcy Ribeiro, UnB



Imagem 32 – Bookafé, espaço de leitura construído pelos moradores, SQS 412



Imagem 33 – Balanço, 707 Norte.

3ª linha ilustrativa: Retratos Urbanos

“Tentativa de flagrar esse momento em que o sujeito se intera da fisionomia da cidade e ao mesmo tempo de si mesmo. Seu rosto então assemelha-se mimeticamente à cidade que ele habita. Essas fisionomias urbanas revelam tanto a silhueta das cidades quanto o perfil de seus moradores.”
(PEIXOTO, 2003, p. 59)¹

Essa linha ilustrativa difere nitidamente das anteriores. Antes eu registrei o espaço e as pessoas que compunham a cena junto com outros elementos, agora são feitos retratos. Com um movimento de close, me aproximo das pessoas que compartilham a cidade entre si. Juntas essas pessoas constroem o imaginário de Brasília.

A minha posição, como artista, muda completamente. Nas primeiras cenas registradas eu participei passivamente do momento e contexto que me envolviam. Para fazer os retratos, eu mudei minha posição que antes fazia parte do local no qual surgiam as interações espontaneamente para o ator dessa interação. A minha posição ativa era imprescindível para que os retratos pudessem ser feitos. Previamente a essa interação com o “modelo” do retrato, eu percorri e mapeei as pessoas e o espaço da Rodoviária. Apesar de conhecer muito bem o lugar, nos dias que me pus a procurar pessoas para os meus retratos, tudo parecia diferente. As pessoas aparentavam mais apressadas do que o normal. Após um grande momento de observação, dentre aquelas que transitavam rapidamente, eu consegui reparar e fixar as pessoas que estavam paradas, lendo o jornal, esperando o ônibus ou esperando alguém. Por um instante, as pessoas em movimento se ofuscaram e as paradas pareciam nítidas. Nesse momento, consegui melhor preparar meu plano de ação para me aproximar delas.

Tentei diversas estratégias para me aproximar das pessoas. De fato consegui me aproximar delas, mas fracassei em quase todas as propostas para o retrato. Eu me aproximava, sorria, perguntava alguma coisa, me apresentava, conversava, mas na hora de perguntar “Posso te desenhar?”, a maioria recuava. Consegui dois retratos dessa forma, dentre muitas tentativas. Outra estratégia foi sentar em um banco e começar a desenhar a cena na minha frente. Eu não tinha interesse nesse desenho, eu apenas estava me posicionando indiretamente no ambiente a fim de conseguir alguma interação espontânea. Consegui dois retratos

¹PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2009.

após essa interação indireta. Eu conversava com a pessoa, ela comentava sobre o meu desenho, e só depois eu propunha o retrato.

Quase todos os retratos foram iniciados e terminados na frente do modelo, com exceção de dois, que o modelo precisou ir embora. Eu já tinha feito os traços, mas precisei lembrar ou inventar as cores da Jaqueline e Mirian. Em média os retratos foram feitos em 15 minutos, variando de quão agradável era a conversa, ou quanto tempo disponível tinha o modelo

Retratos Urbanos:



Imagem 34 – Mirian

Mirian mora em Planaltina e, às vezes, vem com a mãe à Rodoviária ajudar a conseguir algum dinheiro para comprar comida para casa. Ela queria que eu desenhasse o cabelo dela curto e bem arrumado. Ela tem 8 anos e nunca cortou o cabelo, me disse.

Estamos em setembro e ela me contou que precisa do material escolar para começar a estudar. Tão criança e já construiu uma casca grossa pra conseguir enfrentar o mundo, mesmo sendo uma menininha tão frágil por dentro. Mas ela não teve escolha, não até agora.

“Me desenha bem bonita” disse Iasmim antes que eu pudesse começar.

Desculpa Mirian, talvez você não fosse gostar do resultado.

O cabelo não é como você queria, talvez a vida também não. Mas tudo está só começando.



Imagem 35 – Claudio

Claudio, 15 anos. Todos os dias vem para o Setor Bancário Sul andar de skate e espera a amiga na estação de metrô para irem juntos. Prefere andar de skate que estudar, é no esporte que vê mais perspectivas que no estudo tradicional. Já tem patrocínio e é até apoiado pela mãe, que insiste em dizer para não esquecer dos estudos.



Imagem 36 – Jaqueline

“Por que você não pede pra desenhar alguém bonito?” Foi assim que Jaqueline começou a falar quando fiz a minha proposta.

Acredito que a beleza não tem forma pronta e que cada um tem a sua. Ela aceitou. Mas o chefe dela apareceu e a mandou trabalhar antes que eu pudesse terminar. Os últimos traços foram a minha resposta em busca da beleza que ela tanto questionou. Foi uma pena. Gostaria de ter passado mais tempo conversando com ela, a conversa fluia tão agradável.



Imagem 37 – Carla

Carla, 18 anos. Estudante da UnB, mora no Recanto das Emas e vem todos os dias de ônibus. Mas já é acostumada com a rotina do ônibus cheio desde o Ensino Médio, quando estudava em Taguatinga. Gasta de 2 a 5 horas por dia para se deslocar pelo DF. Intervenção urbana que mais a representa são as palavras estampadas próximas à parada de ônibus: “- APERTO + 110”



Imagem 38 – José

Morador de São Sebastião, o seu José, de 68, anos me recebeu com um sorriso antes mesmo de saber do que se tratava aquela conversa. Seu filho desenha muito bem, mas sempre ocupado com o rosto de famosos nunca fez um retrato do pai, que sem refletir sobre isso, fala dele com muito orgulho. Cresceu no campo e pegou muito sol a vida toda, inclusive na profissão de pedreiro. Desenvolveu um problema de pele que o faz andar de manga comprida e estar sempre acompanhado de seu simpático chapéu.

5.4 Compartilhamento e envolvimento com o público

Brasília Sketchbook se desenvolve em dois formatos: impresso e digital. O primeiro contato com o público se dá pelas redes sociais. Existe a *fanpage* chamada *Brasília Sketchbook* no Facebook e por meio dela há possibilidade de maior alcance. A *fanpage* no Facebook também funcionou como um ótimo direcionador para as outras plataformas digitais. Hoje existe uma *fanpage* (Imagem 39), um instagram (Imagem 40) e um blog (Imagem 41) sobre o projeto. Cada um, individualmente, contribui de forma significativa para a viabilidade do projeto.



Imagem 39 – Fanpage Brasília Sketchbook no Facebook.
Fonte: <<http://www.facebook.com/BrasiliaSketchbook>>



Imagem 40 – Perfil Brasília Sketchbook no Instagram.
Fonte @BrasiliaSketchbook

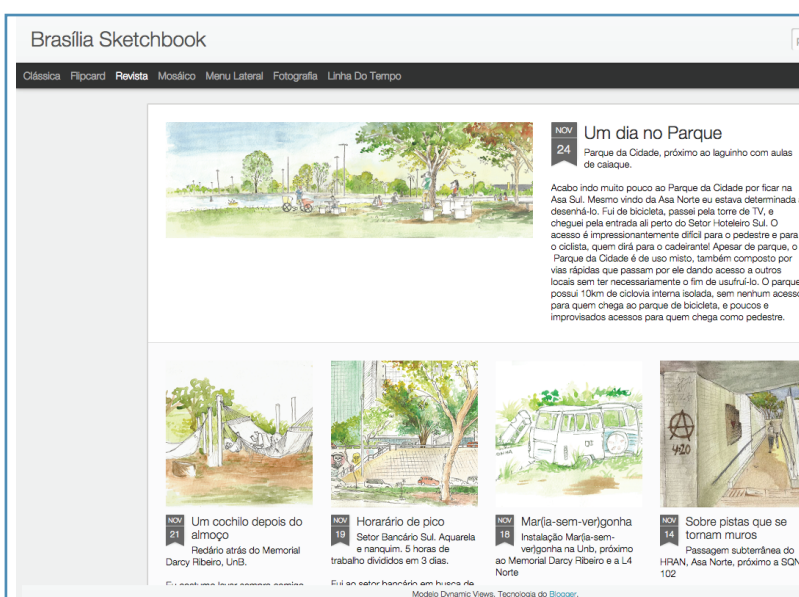


Imagem 41 – Blog Brasília Sketchbook.
Fonte: <<http://www.brasiliasketchbook.blogspot.com.br>>

Dentre as três plataformas existentes sobre o projeto, o Facebook é a de maior alcance. Em apenas duas semanas de atividade a página possui mais de 200 seguidores, os quais tem participado ativamente das postagens quase diárias desde sua criação. As três plataformas funcionam de forma alinhada, segundo um padrão de publicação. Elas também se conectam por meio de links que levam o internauta de uma página para a outra, independente de onde veio o primeiro contato com o projeto.

A lógica das publicações é alinhada pela ilustração a cada postagem. Primeiro é publicado no Facebook, onde está o maior público. Depois a mesma ilustração é postada no Instagram (podendo ser uma foto da ilustração e do lugar juntas, quando houver) e em seguida postada no Blog. O Blog é a plataforma de conteúdo mais denso, pois contém o texto sobre a ilustração. Apesar de ser possível quantificar o número de acessos da página e também por postagem, não é possível saber se o público de fato leu o texto que explica o contexto da ilustração, apenas das pessoas que comentam algo sobre o texto na página do Facebook.

Apesar de ser postada a mesma ilustração em três diferentes plataformas, cada uma desempenha um importante papel no decorrer da interação do público com o desenho. No Facebook é proposto um desafio sempre que uma nova ilustração é publicada, com os dizeres: “você reconhece esse lugar?”. Os participantes são incentivados a participar respondendo a pergunta. O primeiro participante que reconhecer o local, tirar uma foto e compartilhar na *fanpage* ganha um cartão postal com a mesma ilustração que ele reconheceu. Então a ilustração é postada no Instagram e depois no Blog. É apenas no texto do blog que a localização da ilustração é devidamente colocada, escrita e registrada em um mapa de apoio às publicações. O próprio blog possui a ferramenta de escrever a localização, marcando-a em um mapa do Google.

A ideia de compartilhar uma foto do lugar veio do próprio público. Na primeira ilustração postada na *fanpage*, fiz a mesma pergunta: “Alguém reconhece esse ponto?”. Então uma pessoa postou a foto do lugar, surpreendentemente quase o mesmo ângulo da ilustração, dizendo: “Acheeeeeei! É na minha quadra 406 Norte!! Fui reconhecer só hoje de manhã, acredita?” (Imagem 42). Com essa interação percebi que a partir das minhas ilustrações as pessoas poderiam olhar de outra forma para a própria paisagem cotidiana. Então passei a propor uma redescoberta de Brasília pelas minhas ilustrações. Nas postagens que se seguiram houve algumas ilustrações que não foram reconhecidas, mas despertaram o interesse, como o Redário do Memorial Darcy Ribeiro (Imagem 43). Os seguidores não identificaram o local mas demonstraram interesse em saber onde fica. Quando divulgado no blog a localização, essa teve o segundo maior número de acessos (Imagem 44).

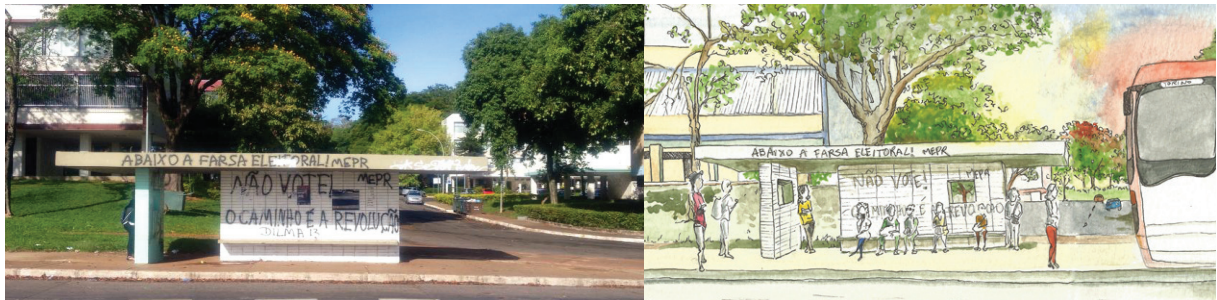


Imagem 42 – Comparação entre a foto tirada pelo participante e a ilustração

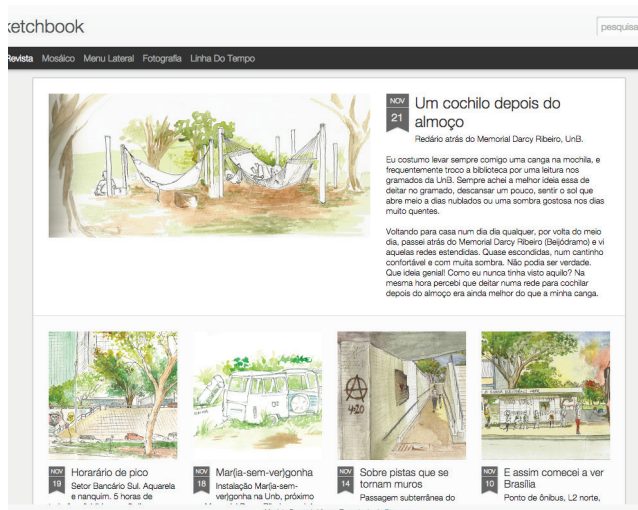


Imagem 43 – Postagem sobre o Redário no Blog

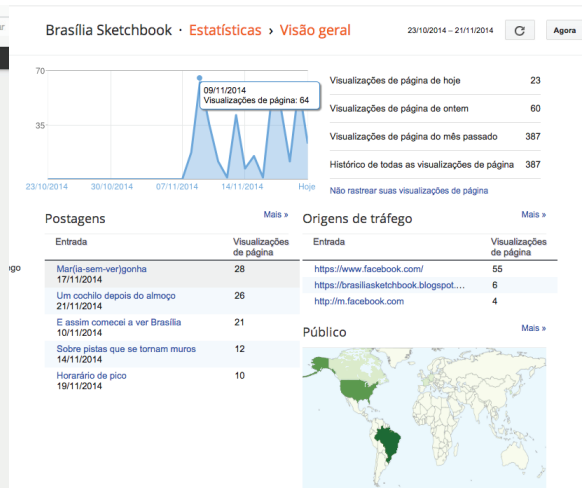


Imagem 44 – Estatísticas sobre o número de visualizações por post

A estratégia de premiar os participantes que compartilharam a foto do lugar foi de grande sucesso, e a maioria das ilustrações foram reconhecidas. Até o presente momento foram enviados 3 postais com as respectivas ilustrações reconhecidas pelos ganhadores (Imagem 45). É interessante observar como cada um tem o seu ponto de vista sobre a cena. Pelo enquadramento do participante, podemos analisar qual elemento da cena mais contribuiu para a identificação do local e qual a interação dele com aquele espaço. A foto compartilhada do Setor Bancário Sul demonstra um contato íntimo com o espaço, pela proximidade do fotógrafo com o grafite na parede (Imagem 46). O enquadramento demonstra que ele costuma andar por ali e usar aquelas escadas, e que reconheceu o local por causa do mesmo grafite. A foto tirada das kombis provavelmente foi tirada de dentro de um carro (Imagem 47). O enquadramento sugere que o fotógrafo estava na L4 quando fotografou. Esse ângulo também diz muito sobre a relação do observador com a cena. Nesse caso as kombis são bem características e podem ser reconhecidas de diversos pontos de vista diferentes do meu quando fiz a ilustração.



Imagem 45 – Postais prontos para serem enviados



Imagem 46 – Comparação entre a foto tirada pelo participante e a ilustração



Imagem 47 – Comparação entre a foto tirada pelo participante e a ilustração do mesmo local

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, propus me aproximar intimamente da cidade de Brasília para então poder registrá-la. A aproximação proposta é uma trajetória com uma multiplicidade de caminhos possíveis. Dessa forma o caminho tomado foi estritamente pessoal. Ele começa com o meu cotidiano, em um exercício de aprender a ver a cidade e constrói um olhar atento ao espaço que me cerca. Durante esse exercício, a essência que busquei se projetou visível na direção do outro. Com a atenção voltada para o rosto que compõe a paisagem das cidades, foi possível olhar a paisagem de Brasília de forma autêntica, inusitada e reconhecível em seus detalhes: símbolos que fazem parte do cotidiano e do imaginário coletivo dos habitantes de Brasília. A partir desses símbolos, foi possível a interação próspera que se construiu ao compartilhar as ilustrações com os apreciadores do projeto.

A maior descoberta do presente trabalho foi encontrar, nas paisagens urbanas, um caminho que conduziu ao encontro do retrato como parte integrante e fundamental de construção e representação da paisagem de Brasília. O semblante do habitante transparece a tipologia particular na qual a cidade se delineia para ele. E então, compreender que o retrato e paisagem constroem, em conjunto, a forma como a cidade se apresenta e como posso captá-la.

A compreensão dessa forma de conceber a paisagem foi fruto da prática do registro. A produção das ilustrações e dos textos do projeto foi a própria análise e descoberta. Como uma via de mão dupla, os registros me ensinaram a ver, e vendo a cidade, consegui captá-la. Esse processo orgânico de assimilação é visível no resultado gráfico e gregário que o projeto se tornou. Ao querer ver a cidade também quero mostrá-la, compartilhá-la. Esse mesmo desejo pode ser absorvido e transmitido. No formato *online*, as pessoas que acompanham as publicações do *Brasília Sketchbook*, fan page do FaceBook, podem reconhecer as minhas ilustrações no próprio cotidiano e compartilhar de que forma elas apreendem a mesma cena.

7. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo, Companhia da Letras, 1990.

COSTA, Lúcio. **Brasília 57-85: do plano piloto ao Plano Piloto**, 1985.

Disponível em: <http://www.brasiliapatrimoniiodahumanidade.df.gov.br/Brasilia_1960_2010/1960_2010.pdf> Acesso em: 26 de novembro de 2014.

HOLSTON, James. **A Cidade Modernista**: uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LISPECTOR, Clarisse. **Nos primeiros começos de Brasília**. In: Brasília – antologia crítica. XAVIER, Alberto e KANTINSKY, Júlio (org). São Paulo: Cosac Naify, 2012.

MENEZES, Marilene Resende de Menezes. **O lugar do pedestre no Plano Piloto de Brasília**. Brasília, 2008. Dissertação (Mestrado em Desenho Urbano). Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília.

MONTEIRO, R. H. e Rocha, C. (Orgs.). **Anais do V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual**. Goiânia-GO: UFG, FAV, 2012.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2009.

SILVA, Inaê Elias Magno e. **Brasília, a cidade do silêncio**. Brasília, 2004. Tese (Doutorado em Sociologia). Departamento de Ciências Sociais, Universidade de Brasília.

WALDSTEIN, David. Brasília, a Capital City That's a Place Apart. **The New York Times**. 22 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2014/06/23/sports/worldcup/world-cup-2014-brasilia-a-distinctly-un-brazilian-city.html?ref=worldcup&_r=3f> Acesso em: 26 de novembro de 2014.

8. APÊNDICES – RELATO DAS ILUSTRAÇÕES

1 - Parada de ônibus L2 Norte (Imagem 19)

(5 e 6 de setembro de 2014 - 407 norte, entre 17h e 18h na sexta e entre 10h e 12h no sábado)

Esse é um lugar que faz parte da minha rotina desde que passei a ir de bicicleta para UnB, principalmente depois da construção das ciclovias. Além do lugar em si, o horário do registro é de muita importância, já que é exatamente no fim de tarde que costumo voltar pra casa; assim como costumam pegar o ônibus, nessa parada, estudantes das escolas próximas ou trabalhadores das entrequadras no fim do expediente. O local é experimentado por mim em diferentes pontos de vista; indo para UnB, passo por ela ao longo da ciclovia, voltando pra casa tenho a vista registrada antes de atravessar e depois passo por ela ao longo da ciclovia.

Nesse dia fui a pé, eu não tinha muito tempo, sabia que não iria terminar no mesmo dia, mas fui determinada a inaugurar meu Moleskine para aquarela e dar início aos trabalhos de diplomação. Já sabia previamente o que eu ia desenhar, tinha inclusive em mente onde iria sentar para ter a vista desejada. A parada estava cheia, como todo dia útil num fim de tarde, atravessei a rua e sentei no gramado do canteiro entre as duas vias olhando para a parada do outro lado da rua. Os carros passavam sem parar, e também os ônibus, mas o fluxo estava bom e não me atrapalhava. Da parada, todos me olhavam, estranhamente pensando que diabos eu estava fazendo, sentando naquele gramado, o que haveria ali pra ver? Eu estava de frente para as pessoas, admirando-as. Elas e a cidade jardim onde moram ou visitam diariamente. Uma linda paisagem cotidiana, exatamente o que eu buscava. Mas as pessoas se mexiam bastante, inquietas aguardavam o ônibus, e uma por vez eu as desenhava em uma composição construída pelo recorte de vários instantes, uma composição que me faz presente montando aqueles instantes alheios da espera dos brasilienses sintonizados com a minha presença e visão de tudo aquilo.

A luz do dia acabou antes que eu pudesse terminar de colorir tudo, pintei apenas os primeiros tons na sexta, à tarde, voltei no dia seguinte pra terminar. Eu sabia que as cores já não eram as mesmas, mas o céu permaneceu como eu tinha pintado no dia anterior e craprichei nas cores, que mais falavam sobre mim, naquela manhã ensolarada de sábado, do que na minha observação de fato. As pessoas já não estavam mais lá, mas a cada uma que perdida esperava desanimada por

um ônibus no sábado em Brasília, eu me inspirava para colorir as do dia anterior. Até um novo personagem surgiu pra completar o meu primeiro desenho. Mas foi difícil terminar de desenhar o ônibus, devido a baixa frequência que passavam. Mas nasceu! Enfim havia nascido o primeiro filho de muitos que vinham pela frente. Fiquei orgulhosa como uma mãe que acha seu filho lindo!

Nesse sábado de manhã, várias pessoas interagiram comigo, mesmo eu estando num lugar inusitado, que não passam pessoas exatamente por ali. Uma mulher parou com o carro no ponto de ônibus e gritou perguntando se eu precisava de ajuda. Ela achou que o pneu da minha bicicleta tinha furado. Outro menino de bicicleta passou pelo canteiro para falar comigo, também oferecendo ajuda. Ele achou que eu tinha caído, por isso estava ali no chão. Ele tinha até reconhecido minha bicicleta por outras vezes estacionada na Unb, provavelmente pelas luzes e pelos adesivos. Ninguém compreendia o porquê da minha presença ali, e mesmo que pudessem supor que eu estava desenhando, por que eu estaria desenhando uma parada de ônibus? Os brasilienses não têm o costume da contemplação, mesmo morando em um enorme jardim. É comum irmos ao parque para a contemplação, mas quando vivemos nesse parque já não faz sentido admirá-lo e, por isso, não me compreendiam.

2 - Passagem HRAN (Imagem 20)

(6 de setembro de 2014, Passagem 201 norte Hran, entre 13h e 16h30)

Brasília nasceu do cruzamento de dois eixos “gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse”. Os mesmos eixos tão facilitadores para quem anda de carro pela capital, seccionam a cidade dos pedestres. Andando muito de bicicleta e a pé pelo Plano, compreendi a dificuldade em atravessar o Eixo Monumental e o Eixo Rodoviário (Eixão). Penso mil vezes antes de ir à Asa Sul, ou simplesmente desisto de ir das 400's para as 100's por medo de atravessar a passagem subterrânea à noite. Além dos muros invisíveis que segregam o Plano Piloto das outras Regiões Administrativas, temos verdadeiros muros em forma de pista.

Passei por ali, lentamente, lendo as pichações que eu podia entender, admirando até os azulejos quebrados. Eu estava me procurando refletida ali, em cada traço, cor, odor, frases, pessoas, risadas, medo. Então me encontrei quando estava prestes a sair, uma contemplação misturada com liberdade, alívio. Eu queria muito desenhar aquele buraco com vista pro céu onde são submetidos os pedestres esquecidos pela cidade veloz que passa a mais de 80km/h por cima deles. É um

símbolo de Brasília sobre a prioridade dos automóveis em detrimento das pessoas.

Encostei na parede, cheguei a pegar o lápis, o caderno, mas por conselho de um cara muito legal que passou por lá na hora, acabei desistindo daquele ponto de vista e optando pela minha segurança. Nessas passagens estão os maiores índices de assalto e estupro no Plano Piloto. Escolhi minha integridade, mas não desisti da passagem. Um pouco contrariada, acabei escolhendo um ângulo diferente. Do lado de fora, olhando para o buraco que leva ao submundo do pedestre brasiliense. Mal abro meu caderno de novo e dois policiais me abordam. “De pé, mãos pra cima, vira de costas”. Armados eles realmente me intimidaram. Pediram pra olhar minha mochila, perguntaram se eu usava drogas, onde eu morava, de onde vinha, pra onde ia e o que estava fazendo parada ali. Depois de abrirem todos os mil bolsos da minha mochila, meus estojos, pincéis e carteira acabaram por concluir que eu era uma pessoa de bem.

Depois de passar por uma possível suspeita e explicar que eu só queria fazer um desenho, eles acabaram me dizendo que eu podia fazer o desenho de onde eu quisesse que eles “cuidariam de mim”. De uma situação super constrangedora, eu acabei conseguindo o que queria e me pus a desenhar aquele pedaço de céu nas 3 horas que se seguiram. Os policiais não saíram de perto de mim, foi uma situação até engraçada, e, no fim, eles se mostraram pessoas simpáticas, escondidas atrás daquela armadura intimidadora com o símbolo da PM. Eu consegui o meu reflexo atravessando um dos “muros” da cidade aquele dia. O policial também conseguiu olhar diferente para si mesmo, pela aquarela do meu pincel, nas folhas do meu caderno.

3 - Ceubinho (Imagem 21)

(8, 10 e 12 de setembro, Entrada Norte ICC, UnB, entre 15h e 17h (8), entre 16h e 18h (10))

O ceubinho faz parte da minha trajetória de estudante universitária assim como a Unb faz parte de Brasília. Além de ser um ponto muito citado na pesquisa que eu fiz perguntando as pessoas do Pilotis qual o lugar favorito da cidade, é também um dos meus pontos favoritos. É no ceubinho que todos se encontram, e sair em busca das pessoas por aqui é invariavelmente dar um pulinho na Unb e seus apêndices, como o Por do Sol e derivados. É na Unb que vemos as pessoas utilizando o espaço público diariamente, a todo momento, sentados no chão ou em qualquer lugar, casais tomando sol no gramado ou descansando na sombra depois do almoço. A Unb tem uma energia que se destaca, uma vida que sobressai, quando

comparada aos seus vizinhos.

O movimento é constante em qualquer hora do dia, de manhã cedinho até depois das 22h. Até depois disso, quando os alunos decidem estender em algum happyhour por ali mesmo. Apesar do constante fluxo, um padrão pode ser notado: de duas em duas horas o movimento aumenta, um fluxo intenso aparece nos minutos entre as aulas. Desenhar as pessoas fica cada vez mais difícil, elas não estão mais esperando o ônibus, talvez até estejam esperando a próxima aula, mas no geral, estão passando e passando a todo momento. Uns têm pressa, outro nenhuma. Os momentos se misturam, as pessoas compartilham um espaço em tempos distintos, sempre recortados e colados à minha maneira. Segunda-feira havia um grupo de estudantes tocando e cantando no ceubinho, desenhei-os duas vezes, mas eles dançavam muito, se mexiam o tempo todo. Depois que passei a primeira camada da aquarela, acabei tampando os meus primeiros traços de grafite e no dia seguinte acabei desenhando outras pessoas.

Essa relação com as pessoas que andam pelas minhas paisagens é de extrema importância, é por elas que eu acabo escolhendo o lugar para desenhar, e são elas que de fato dão vida ao meu desenho, e não as cores da aquarela. Essa impermanência são recortes e colagens de instantes diversos sob o mesmo ângulo, que alteram a minha percepção do lugar e forma como me relaciono com ele. Enquanto eu estava sentada no chão desenhando, muitos passavam por mim e tentavam olhar o que eu estava fazendo, mas o ambiente da UnB se mostrou mais compreensivo sobre o fazer contemplativo do espaço. Eu estar no chão desenhando foi aceito com uma maior naturalidade, inclusive um convite à interação como aconteceu quando um aluno de arquitetura se interessou pelo que eu estava fazendo e me perguntou se eu me importava dele sentar-se do meu lado. Não me importei, e ele lá ficou consideráveis minutos me assistindo pintar e conversando comigo.

4 - Setor Bancário Sul (Imagem 22)

(11, 12 e 15 de setembro, ao lado do Banco Central em um canteiro usado como estacionamento, das 15h30 até 17h30)

Fui ao setor bancário em busca de pessoas, em busca de uma cidade de verdade, ou pelo menos mais parecida com a tipologia comum de grandes centros urbanos. Não é uma paisagem que faz parte do meu dia-a-dia apesar de já ter transitado por ali algumas vezes. Não encontrei exatamente o que estava procurando. Eu procurava pessoas, mas só encontrei automóveis.

Carros por toda parte, estacionados em todos os possíveis e impossíveis

lugares, os brasilienses são conhecidos por essa façanha de “inventar vagas” por aqui. Mesmo não encontrando o fluxo esperado de pessoas, elas iam e vinham, discretas, sozinhas, em duplas, trajes comuns ou terno e gravata. No setor bancário existem exclusivamente bancos em prédios enormes, que destoam do resto da cidade. Parecia mais um “setor estacionamento e escritórios”. Quando o ponteiro do relógio me contou que o expediente já estava acabando, as pessoas saíam dos seus trabalhos em direção a seus carros. O fluxo aumentou consideravelmente. Um setor especializado, com uma baixíssima variedade em suas atividades, enche-se e se esvazia com hora marcada. Se eu quiser desenhar pessoas por ali, tenho que estar lá pela manhã, hora do almoço ou entre 17h e 18h. Final de semana? É um completo deserto. O que existe no SBS é uma vida artificial que não se sustenta de maneira saudável como deveria ser em qualquer lugar que se pretenda exercer a civilidade.

Dessa vez eu não sabia para onde olhar exatamente, e ter levado o meu banquinho portátil me abriu mais possibilidades. Acabei atraída por um grafite num viaduto que tinha vários elementos legais: uma escada nas duas laterais, que de tempo em tempo passava alguém, várias vias com semáforos, placas e outros elementos urbanos. Escolhi minha vista, e, de costas para o Banco Central, sentei em um canteiro de terra vermelha, um clássico informal estacionamento. Várias pessoas passavam por mim, até desviavam o olhar, curiosas sobre o que eu estaria fazendo ali naquele terraço, olhando pra onde? Mas ninguém parou pra falar comigo. Mesmo em um local com o maior fluxo de pessoas, comparado ao outros desenhos, a interação foi mínima.

Todos estavam atrasados o suficiente, ou tinham sido cegos pelo cotidiano para perceber qualquer cena inusitada ou realmente não se importavam. Uma mulher parou pra me perguntar onde ficava o Banco Central e, no último dia, um grupo de adolescentes parou para olhar o que eu estava fazendo. Uma menina me perguntou se podia olhar, quando eu disse que sim os outros se aproximaram também. A menina falou: “Nossa que maneiro, muito bom”, depois um garoto que estava com ela disse “Igualzinho!”, só então ela percebeu que eu estava desenhando a vista que estava na minha frente, e depois disso achou ainda mais bonito. Duas interações muito curtas e muito rápidas, acho que fiquei mal acostumada com a boa recepção das pessoas por todos os lugares que andei desenhando.

5 - Parque da Cidade (Imagem 23)

(15 e 16 de setembro, das 16h às 18h no sábado e das 10h às 12h no domingo)

Acabo indo muito pouco ao Parque da Cidade por ficar na Asa Sul. Mesmo vindo da Asa Norte, eu estava determinada a desenhá-lo. Fui de bicicleta, passei pela torre de TV, e cheguei pela entrada ali perto do Setor Hoteleiro Sul. O acesso é impressionantemente difícil para o pedestre e para o ciclista, quem dirá para o cadeirante! Apesar de parque, o Parque da Cidade é de uso misto, também composto por vias rápidas que passam por ele dando acesso a outros locais sem ter necessariamente o fim de usufruí-lo. O parque possui 10km de ciclovia interna isolada, sem nenhum acesso para quem chega ao parque de bicicleta, e poucos e improvisados acessos para quem chega como pedestre. O motorista e seu carro novamente têm prioridade na “cidade para automóveis”, mesmo se apenas estiverem cortando caminho por ali e não tiverem o parque como destino.

Uma vez dentro do parque, já na ciclovia, pus-me a pedalar a fim de encontrar algum lugar que bem representasse o que eu penso do Parque da Cidade. O laguinho me chamou atenção, em seguida os caiaques e, por último, uma ótima sombra perto de banquinhos cheio de gente curtindo aquele lugar no fim da tarde. Estendi minha canga e fiz meu banquinho de mesa, tudo perfeito, então comecei a desenhar.

Em pouco tempo, por volta de 20 minutos, chegou de uma vez um grupo enorme de pessoas fotografando juntas. Era uma aula de fotografia, que também cativados pela sombra, escolheram o mesmo lugar que eu para produzir. Depois de um bom tempo lá, parte da turma acabou fazendo parte do meu desenho. Alguns alunos perceberam que eu estava desenhando quando passaram por mim, e pararam para ver. Quando se deram conta que eram eles que estavam desenhados ali chamaram a turma toda, e num instante havia umas 20 pessoas em pé, ao meu redor, com suas respectivas máquinas nas mãos, falando comigo e me fotografando. Eu sem mesmo levantar já não podia ver nada na minha frente. Elogiaram o meu desenho, mesmo só em traços, sem cor ainda. Um garoto até me mostrou uma foto que ele tinha tirado minha, de longe, antes mesmo daquela cena toda. Foi uma situação inusitada, e certamente apareço em várias fotografia tiradas naquele dia. Escrevi meu email num pedaço de papel e entreguei para o professor. Se um dia lembrarem, vou poder ver outros ângulos e outras interpretações daqueles que agora estão nas páginas do meu *sketchbook*.

Não consegui terminar no mesmo dia, o sol se pôs antes mesmo de conseguir dar lugar a todas as cores. Voltei na manhã seguinte. Pela primeira vez, em um turno contrário ao que iniciei o desenho, e isso foi uma complicação. Desenhar

durante mais de um dia é uma boa experiência, acabamos ficando familiarizados com o local, e faz o desenho ficar mais dinâmico, podendo acrescentar um novo elemento até na fase final da ilustração. Mas em turnos contrários tudo muda, a luz é completamente diferente, e isso me atrapalhou um pouco. Mas foi positivo por incentivar a livre criação de luz e cores, já que nesse caso, inventei boa parte delas.

6 - Parquinho 303 sul (Imagem 24)

(14 de setembro, domingo das 16h às 17h)

No domingo resolvi desenhar o espaço que os urbanistas costumam destinar às crianças, o tradicional parquinho das entrequadradas. Foi bem fácil chegar até a Asa Sul, com o eixão fechado para os carros, é simples ir de uma asa à outra na maior tranquilidade. Fui atender ao convite de uma amiga para pedalar e desenhar, e pedalando pelas entrequadradas eu encontraria um bom parquinho no caminho. Pedalar pela Asa Sul é sempre uma surpresa. Fui até a 12 pelo eixão e depois voltamos por dentro das quadras, pelo lado oeste à procura de um lugar legal para desenhar. Acabamos parando no parquinho da quadra da minha amiga. Foi uma boa escolha, além de abastecer as garrafinhas de água, tivemos mais companhia para o grupo desenhista. Foi uma experiência nova, as pessoas enquadradas nas minhas páginas eram meus amigos, e a cena não podia ser mais cotidiana. Apesar de estar ao lado de quem eu já conhecia, observei bem a movimentação do parque, que mesmo num domingo de sol estava vazio, com aparições esporádicas. Os parquinhos isolados nas entrequadradas podem ser lugares formidáveis ou assustadores, dependendo da hora e do dia. Quando a minha amiga atendeu o telefonema da mãe e explicou que estava ali mesmo, em frente ao próprio bloco no parquinho, a primeira pergunta da mãe foi “Sozinha?”. Os parquinhos podem se tornar perigosos por serem isolados e com pouca movimentação. Em algumas quadras eles são praticamente desativados ou transformados em ponto de venda de drogas. Aquele era agradável, apesar de vazio. Quando alguma criança chegava, transformava completamente o ambiente: sonoridade, movimento, cores. Tudo fazia sentido quando os balanços estavam realmente balançando, mas logo as crianças iam embora, e espaço de tempo até a chegada de uma nova criança era bem significativo, e a imagem que se construiu para mim naquele período foi de um parque vazio. Não encontrei as pessoas que vim buscando na construção das outras cenas, apenas aquelas que já estavam lá comigo.

Voltei alguns dias depois para terminar o desenho, mas dessa vez pela manhã, no meio da semana. A paisagem era outra. Além de alguns pais que

vinham passear com os filhos bem pequenos, entre 0 e 6 anos, pude observar a movimentação da escola infantil perto do parquinho e de alguns idosos em cadeiras de roda com seus cuidadores, quando desceram para tomar um agradável sol da manhã. A paisagem se transformava e meu desenho continuava, reuni um pouco mais de vida no meu desenho e finalmente pude terminá-lo.

7 - Calçadão da Asa Norte (Imagem 25)

(15 e 16 de setembro, segunda-feira e terça-feira, das 10h às 11h30)

A intenção inicial era ir na Água Mineral, apesar de ser um ponto turístico da cidade, é um ponto turístico de enorme potencial pouco explorado. Mesmo sendo ponto turístico, a Água Mineral faz parte do meu cotidiano. Em dias de insuportável calor como esse, é a melhor e mais barata opção para um bom mergulho em um ambiente super agradável. Chegamos lá de carro (impossível o trajeto por outro meio de transporte, já que é necessário atravessar uma enorme via de 80km/h sem semáforo ou qualquer outro auxílio para a travessia do pedestre), mas a piscina estava fechada em reforma. Mudamos os planos.

O objetivo principal era estar o mais próximo da água possível a fim de se refrescar, e se possível, com uma vista legal pra aproveitar a manhã. Minha irmã queria tomar sol, eu queria desenhar. Fomos ao calçadão da Asa Norte, que além do calçadão beirando o Lago Paranoá tem um agradável pier, (um dos únicos acessos públicos e democráticos ao lago). Não imaginei que teriam muitas pessoas naquele horário em plena segunda-feira, mas para a minha surpresa o espaço estava sendo bem aproveitado, várias pessoas, que além de aproveitar a linda vista, pulavam do pier e nadavam naquela manhã tão quente. Minha irmã foi tomar sol, eu fui desenhar.

Equipada com tudo o que necessitava, banquinho, canga, protetor, chapéu e materiais para os desenhos, me posicionei e comecei a trabalhar. O sol estava muito forte, e no fim eu estava embrulhada na canga, tentando tapar um pouco mais do sol, eu era realmente um personagem singular naquela cena. Acredito que já chamava atenção pelo meu traje. Quando as pessoas se aproximavam para, discretamente, entender o que eu estava fazendo ali, quase sempre falavam alguma coisa comigo, em geral, perguntando o que eu estava fazendo ou elogiavam o desenho.

Não consegui terminar, o sol do meio dia era forte demais e precisei terminar na manhã seguinte. E então, no outro dia fui sozinha e de bicicleta. Pouco tempo depois que recomecei o desenho, um senhor veio falar comigo. Ele estava lá no dia

anterior, e me reconheceu, sentada na mesma posição, e portanto, todos aqueles aparatos incomuns. Ele elogiou meu desenho, trocou algumas palavras e depois se despediu, disse que não iria me atrapalhar mais, mas pediu para ver o desenho quando estivesse pronto, eu concordei. Depois um outro senhor, idoso, passou por mim algumas vezes e logo tomou coragem para iniciar uma conversa. Diferente do outro, esse senhor não sentiu que poderia estar me incomodando, e começou a falar da vida dele, que é médico, professor aposentado da Unb, chegou a perguntar quanto eu cobrava por um caderno desses com desenhos. Expliquei que eu não estava vendendo as ilustrações e que estava fazendo um trabalho acadêmico, o que deu mais brecha para conversa, falar da universidade, profissão, a juventude de hoje. A conversa foi longe... mas então ele decidiu se despedir, agradeceu pela minha simpatia, me desejou sorte nos estudos e foi embora.

Aquela era outra manhã com um sol muito forte, e havia grupos de pessoas que passavam por ali, davam um mergulho, jogavam conversa fora e iam embora. Um casal, que tinha um sotaque do sul, também estava lá para um mergulho, quis desenhá-los, mas no estágio que já estava o desenho, não dava mais para acrescentar nenhum elemento. Houve um momento que bateu um vento forte e meu chapéu voou da minha cabeça. Virei instantaneamente para apanhá-lo, no mesmo momento o garoto tirava uma foto da namorada logo atrás de mim e começou a falar comigo. Disse que a foto deve ter ficado ótima, no exato momento que meu chapéu estava voando com o vento, e eu preocupada em pegá-lo. Mas a fotografia era analógica e não pudemos ver na hora o resultado da foto, e assim se deu início a uma nova conversa. O rapaz é fotógrafo e a namorada designer gráfico, anotaram meu email e prometeram me enviar a foto quando revelasse. Mais uma foto minha desenhando perdida por aí, gostaria mesmo que a foto funcionasse e que eles lembrassem de me enviar.

8 - Rodoviária (Imagem 26)

(22 de setembro, segunda-feira, das 14h30 às 18h)

Esse foi um dos dias mais quentes do ano. Saí de casa quase fantasiada: muito protetor solar, chapéu e banquinho na mão. Fui andando da 403 Norte até a Rodoviária. No caminho, as pessoas olhavam para mim, incrédulas. Parecia uma turista perdida no Cerrado procurando a praia como quem busca um oásis no deserto. Eu já sabia mais ou menos a vista que queria registrar, mas fui calmamente, quase derretendo pelo caminho. Já na Rodoviária, descí as escadas rolantes e parei no mezanino. É lá que ficam os restaurantes com uma melhor estrutura de mesas

e cadeiras. É lá também onde ficam as pessoas que esperam alguém, param para assistir televisão, assistem a vida agitada de cima. O mezanino é, sobretudo, calmo quando comparado à Rodoviária e sua redondeza. Procurei me posicionar bem no centro, com uma vista simétrica do que estava na minha frente. Abri meu banquinho, meu caderno, meus estojos e comecei a contemplar.

Sempre respiro fundo antes de começar, olho para frente, para os lados. Me alongo um pouco, relaxo os ombros. Tento visualizar a paisagem nas páginas em branco, mas é inútil, na minha cabeça nunca está completo. A mágica só acontece em movimento. São as nuances de cada momento que compõem a cena.

Ninguém costuma interagir na primeira meia hora de desenho. Nessa fase eu ainda estou riscando com grafite, estruturando e posicionando os elementos. O grafite é muito claro e não pode ser visto à distância, as pessoas não conseguem ver só passando do lado. Mas na Rodoviária, o fluxo de pessoas é tão intenso, que antes mesmo de colorir, alguns pararam para falar comigo. Um homem passou na minha frente, um pouco rápido, olhou para o lado. Quando se deu conta que eu estava desenhando, ele voltou, viu o desenho e me contou que conheceu um francês que também fazia desenhos assim, “mas ele colocava cores, com água! Impressionante!”. Disse pra ele que também colocaria “cores com água” depois. Muito curioso perceber o interesse dele ao reconhecer o que eu estava fazendo, por ter uma experiência prévia com aquilo.

Logo que começo a “colocar cores com água” como disse meu amigo, as pessoas se aproximam o tempo todo! Não se importam em ver de perto. Um senhor perguntou quanto custava para desenhá-lo; uma menininha passou com a avó e me contou que quer ser ilustradora quando crescer; uma outra menininha que pedia dinheiro para as pessoas não queria o meu, só queria me ver pintando. Um grupo de surdo-mudos passou por mim, e um deles me disse do jeito que conseguia, que o desenho estava lindo! Desse mesmo grupo, um outro garotinho, mais tímido, veio depois e ficou do meu lado, um pouco atrás para não ficar muito evidente que ele estava me assistindo. Ficou lá por pelo menos 30 minutos. Ele estava interessado, ele não conseguia falar, então resolveu me assistir.

Mas no fim da tarde, a menininha que me contou o sonho de ser ilustradora voltou com a avó pelo mesmo lugar. Ela foi me cumprimentar e ver como estava o desenho, conversou comigo como se nos conhecêssemos a muito tempo. Eu já estava confortável no meio daquelas pessoas, funcionários, policiais, transeuntes. Eu não os conhecia de verdade, mas era como se fazendo parte do meu desenho também fizessem parte de mim.

9 - Estação 108/208 sul (Imagem 28)

(28 e 30 de outubro, terça-feira e quinta-feira, das 10h às 12h)

As estações do metrô são quase todas iguais. Os azulejos cinzas revestem uma amplidão subterrânea. As estações de metrô da Asa Sul funcionam como a passagem subterrânea para cruzar o Eixo Rodoviário. Mesmo com um número considerável transitando por elas, o lugar parece vazio pela sua impessoalidade. Seus padrões se repetem em todas as estações, e tem que estar muito atento para conseguir perceber as suas diferenças. Assim como Brasília e sua tipologia homogênea. É difícil identificar os diferentes prédios se não tiver uma estreita relação afetiva com certa quadra. É difícil identificar uma estação se não for aquela pela qual passamos todos os dias.

Fiquei fascinada pela luz que entrava na escada lá no fundo e o contraste que causava. As pessoas que caminhavam pelo túnel, que se alongava até ela, eram apenas sombras. Mal dava para perceber se estavam indo ou vindo, se olharmos por pouco tempo.

Fui de bicicleta. Amarrei apenas a roda no quadro enquanto desenhava. Posicionei a bicicleta para aparecer na cena, relativamente longe de mim. Foi super engraçado como as pessoas olhavam espantadas, como se alguém tivesse deixado a bicicleta solta e sozinha. Mas logo depois elas me viam alguns metros atrás e entendiam de quem era a bicicleta.

Apesar do caráter de passagem, muitas pessoas param ali para esperar alguém, para namorar, ou apenas para passar o tempo. É sempre fresco, tem muitas opções de lugar para sentar. Só duas interagiram comigo. Um senhor muito simpático que elogiou o trabalho, falou algumas palavras, disse que não ia tomar meu tempo, me desejou bom trabalho e foi embora. Uma outra mulher parou e conversou comigo, perguntou o que eu estudava e se o meu desenho era para a universidade. Essa mesma mulher voltou uma hora depois. Ela passou pelo outro lado, acenou para mim e gritou: “Levanta aí, deixa eu ver como tá!”. Foi super engraçado, porque eu não esperava que ela fosse assim tão espontânea. É impressionante como as pessoas se sentem próximas, à vontade, como se me conhecessem.

10 - Parada de ônibus/ Pracinha 707Sul (Imagem 29)

(11 e 19 de novembro, terça-feira e quarta-feira, das 11h às 14h)

Engraçado pensar que essa linha de ilustrações começa e termina com uma parada de ônibus. Percebo meu amadurecimento, tanto da técnica quanto saber olhar a paisagem. Nessa última ilustração, a parada de ônibus não é mais o meu

ponto principal da cena, a importância dela divide lugar com a vendinha ao lado e cada uma em uma página tem a sua importância. As pessoas foram capitadas em instantes mais singulares, o que dá uma maior dinâmica para a cena. Tenho mais segurança com as cores e diferentes pincéis.

Nesse dia, eu não sabia para onde ia quando comecei a pedalar. O desenho urbano não me permite tanta liberdade ao percorrer a cidade. Em direção sul, eu segui ao longo do eixo residencial. Fui pelas 700's depois de passar pelo Pátio Brasil. O caminho entre as 700's e 900's Sul é muito agradável. Por quase toda a ciclovia há sombras generosas e vários detalhes que chamam a atenção ao longo do caminho. Estreitas passagens para pedestre entre dois lotes de casa, cachorros enormes latindo de dentro do jardim, casas muito antigas e muito novas. Nessa parte da cidade, onde não há prédios, as casas são cercadas e possuem o próprio jardim. É como ver um outro lado de Brasília, sem pilotis, sem porteiro, sem janelas modernistas.

Sem pensar muito em que quadra eu estava, desci em uma rua que me parecia agradável, com o grito e risadas das crianças vindas de uma escola próxima. Dei em uma praçinha, logo depois da escola. Vi uma parada de costas, uma vendinha simpática, um toldo azul e muitos adolescentes matando o tempo por ali. Encontrei inclusive um banquinho com vista pra tudo isso, em uma sombra ótima! Encostei a bicicleta no banco, abri minha mochila, peguei o caderno, o lápis, tudo necessário para começar a desenhar.

De longe, eu vi as brincadeiras dos adolescentes, escutei as conversas de quem vinha desfrutar a mesma sombra que a minha, observava o casal que cuida da vendinha. Quantas cores! Eu experimentava um estado de plenitude vendo tantas risadas em um dia que o sol resolveu aparecer depois de tanta chuva.

Diferente dos outros lugares que eu desenhei, existiam outras pessoas na praça que também contemplavam a paisagem. Talvez contemplavam o sol que a algum tempo não aparecia.

Quando o sol resolve aparecer no meio de novembro é maravilhoso. O calor já não é insuportável como os meses de setembro e outubro. As árvores estão verdinhas!

Eu observei a hora do almoço chegar e ir embora. Observei os alunos da tarde esperarem a aula na vendinha da praça e os alunos da manhã saírem da escola. Tudo parecia estar no lugar aquele dia, até as brigas dos adolescentes ou os trovões que vieram depois. Tudo encaixadinho, funcionando, perfeitamente.

Costumo sorrir mesmo sem algum motivo específico, mas aquele dia eu estava ainda mais feliz. Soltava uma risada vez ou outra, como quem lembra de uma piada ou se dá conta de uma situação ridícula e ri de si mesmo. O resultado

da ilustração foi resultado de quão bem o mundo corria aquele dia. E talvez, isso explique o porquê de desenvolver um carinho especial por esse desenho. Talvez um sentimento de nostalgia antecipado, já tentando compreender o fim de um projeto. Dando-me conta que eu enfim estava abrindo os olhos de verdade, e que depois de muita luz eu conseguia ver todas as cores. Agora é irreversível. A cidade jamais será a mesma e talvez eu também não seja.